Cinearte

PEDRO FANTOL

ANNO V N. 202
BRASIL, RIO DE JANEIRO, 8 DE JANEIRO DE 1930
Preço para todo o Brasil 1$000

desapparecem
repentinamente com
dois comprimidos
de

Cafiaspirina

que, além disto, restituem ao organismo o seu estado normal de saude.

A CAFIASPIRINA
é absolutamente inoffensiva.

A CAFIASPIRINA *é recommendada contra dores de cabeça, dentes, ouvidos, dores nevralgicas e rheumaticas, resfriados, consequencias de noites passadas em claro, excessos alcoolicos, etc.*

BAYER

Almanach do O TICO-TICO

O livro de contos dos ricos; O livro de contos dos pobres

1930

Contos, novellas, historias illustradas, sciencia elementar, historia e brinquedos de armar, e Chiquinho, Carrapicho, Jagunço, Benjamim, Jujuba Goiabada, Lamparina, Pipoca, Kaximbown, Zé Macaco e Faustina tornam essa publicação o maior e mais encantador livro infantil.

Se não existe jornaleiro na sua terra, envie 5$500 em carta registrada, cheque, vale postal, ou em sellos do Correio a Soc. An. "O MALHO" — Travessa do Ouvidor, 21, Rio, que será remettido ao seu filhinho um exemplar desta primorosa publicação infantil.

Preço no Rio: 5$000

A venda em todos os jornaleiros do Brasil

COLLEEN MOORE

EM principio de anno é sempre costume nosso passar em revista o succedido no anno que findou para tirarmos a conclusão de se foi ou não favoravel a Cinematographia. Assim temos feito sempre e jamais experimentamos os embaraços que neste momento nos entravam a penna.

Tudo porque o anno de 1929 foi para nós antes um anno de experiencias que de realizações.

De facto, o film synchronisado e o film dialogado, novas creações da cinematographia não podem ser julgados em definitivo, pelo menos entre nós.

Como já fizemos sentir o fracasso do segundo é um facto; o film dialogado não poderá jamais ser por nós apreciado senão quando o idioma utilisado seja comprehendido pela maioria do publico. Quanto ao synchronisado, as opiniões dividem-se, variam e se para muita gente constitue a oitava maravilha do mundo, para outra tanta não vale absolutamente o antigo film silencioso, arte do silencio sempre dominadora na expressividade dos gestos e movimentos.

Ora, essa variedade de opiniões é que transtorna o exame que sempre temos feito, mantendo a mais rigorosa imparcialidade, fazendo-nos antes a expressão dos modos de julgar da massa dos apreciadores do espectaculo cinematographico, pondo de lado as nossas opiniões propria, pessoaes.

O film sonóro conquista as grandes cidades, os vastos centros de povoação deixando o silencioso para os bairros populares, para as cidadezinhas do interior.

Se a producção do film silencioso se tivesse mantido como até bem pouco tempo nem um mal haveria nisso porquanto satisfeitos ficariam igualmente os partidarios de uma e de outra modalidade. Isso porém é o que não acontece, conforme temos repetidas vezes feito notar, ficando as versões silenciosas dos films sonóros em geral abaixo da critica.

Isso redunda em prejuizo para esse publico já tão numeroso que frequenta os Cinemas que não possue o apparelhamento necessario para a projecção do film sonóro. E é por isso que vamos notando já um certo desinteresse por parte desse publico que não quer pagar preços na verdade excessivos para assistir a espectaculos pouco attrahentes por via da fraqueza da programmação.

Esse desinteresse acabará por causar prejuizos ao exhibidor e consequentemente aos locadores e aos productores.

ANNO V — NUM. 202
8 DE JANEIRO DE 1930

Não foi pois 1929 um anno dos que pedem ser marcados com pedra branca nos annaes da Cinematographia. Muito antes pelo contrario. A transição se realizou bruscamente demais para que a adaptação se lhe seguisse de prompto.

Vamos observando esse estado de cousas com cuidadoso empenho por isso que dessa crise nos pareceu sempre, poderia surgir a possibilidade de se desenvolver entre nós a industria cinematographica que luta ha annos com graves embaraços para se incrementar no paiz.

De facto, parece que o film sonorisado trouxe novos alentos ao productor nacional.

Este anno que passamos em revista e que ora findou trouxe realmente producções nacionaes apreciaveis que propositalmente deixamos de mencionar e com ellas a demonstração de novas e rigorosas possibilidades.

A questão agora é apenas de persistencia nesses esforços, cousa aliás muito difficil em meio como o nosso. A procura que tem tido o film nacional as apreciações merecidas que tem obtido demonstram perfeitamente que o terreno está perfeitamente preparado para tentativas de maior monta, para a constituição de empregos fortemente apparelhados que em pouco tempo poderão suprir o mercado dos films que elle está a reclamar.

Esse é o aspecto, para nós mais importante do anno que passou.

Cinema

(DE PEDRO LIMA)

As situações da maioria dos films, não são convincentes. Sacrificam toda a belleza do film, para forçar scenas longas de dialogos, de cantos e quanta cousa mais desnecessaria.

As peças de theatro, com todos os seus vicios, são transplantadas á téla sem as adaptações, como eram feitas as obras de autores celebres, onde todas as liberdades eram permittidas, para que c film mantivesse unidade, tivesse o seu climax natural, e fosse mostrado em linguagem cinematographica.

O Cinema falado está ahi já ha bastante tempo. E até agora qual foi a cousinha de valor que elle apresentou? Nada. Nada mais senão a novidade...

O Cinema está assim atravessando uma phase perigosa.

Peor do que aquella que atravessou no tempo do dominio europeu, donde foi salvo pelo Cinema americano.

Agora a crise é mais seria. Depois do desenvolvimento a que chegou, a reacção tem de ser feita sob outras bases, aproveitando todo o seu progresso e qualidades.

Nunca o Cinema teve uma época tão infeliz. Os films que nos têm sido mostrados são verdadeiras calamidades. Peças de theatro photographadas, assumptos batidos seu angulos novos. Films falados sem nenhum senso de Cinema. Versões silenciosas detestaveis.

E' cada vez maior a quantidade de films com cotação abaixo de quatro pontos! E note-se que P. V. e A. R., têm sido muita vez accusados de americanistas pela sympathia com que opinam sobre os films de Hollywood. Entretanto, quando apparece um film brasileiro mais fraco, ha quem faça um grande escandalo em torno disso.

Mas será talvez o nosso Cinema quem irá salvar a mais linda das artes na sua inegualavel linguagem de imagens. Não é utopia.

Todo o mundo riu quando nós pregavamos que poderiamos ter nosso Cinema.

E já agora ahi temos os nossos films, numa base de um por mez, e a maioria delles com mais

UBI ALVORADO

E

YARA D'AZIL

EM

"O PILOTO 13"

MUITO BREVE VAMOS VER CARMEN SANTOS EM "SANGUE MINEIRO"

O publico está abandonando o Cinema!

Talvez. Mas se todo o anno succede sempre a mesma cousa, porque este anno, em que temos ainda a novidade do Cinema falado, a crise é muito maior e a frequencia deminuiu muito mais e mais cêdo do que devia?

Só uma resposta é bastante para justificar a vasante dos salões de projecção, onde os artistas falam quasi sosinhos.

— O propria Cinema falado. Os americanos que fizeram do Cinema a maior de todas as artes, são agora os primeiros que o arrastam para esta degerescencia de arte, que nem ao menos se pode chamar de theatro. Actualmente, ir a um Cinema, é um sacrificio, que só faz aquelle que tem por isso obrigação. Não ha films bons. Mas cada qual peor do que os outros.

. Não raro, houve-se á porta de um Cinema, quem recommende aos conhecidos:

— Não entre. Este é o peor film do mundo.

Mas que surpreza esta pessoa não teria, se fosse a outro salão, e assistisse outro film...

O Cinema falado, sem duvida, é um progresso. Mas não está sendo aproveitado como deveria sel-o.

Brasileiro

senso de Cinema do que a maior parte dos films americanos.

Se o Cinema falado está sendo repudiado pelo publico, a ponto das agencias americanas despirem os films de seu unico valor, tornando-os em versões silenciosas, detestaveis e synchronizadas aqui com chapas communs, isto não nos parece indicar que o silencio ainda será a maior linguagem para as nossas producções?

Porque havemos de seguir os americanos? Imitar, copiar os exemplos que não dão resultado?

Mas se o publico desejar que o Cinema Brasileiro tenha fala, então façamos os nossos films falar. Temos sobre os americanos a vantagem de sermos comprehendidos, e sobre elles, tambem, o senso cinematico que elles perderam ou sacrificaram na voragem da concurrencia...

Mais do que uma necessidade, é um dever salvarmos o Cinema do seu fracasso. E os films brasileiros que já temos produzido, ahi estão, bons ou máus, para mostrar que já temos o nosso Cinema.

Ao Cinema Brasileiro é que compete provar que a maior de todas as Artes, a Arte da America, ainda ha de manter o seu prestigio e depois, quem sabe se os americanos voltando a razão, ainda não hão de cooperar comnosco, cooperar para o seu maior desenvolvimento?

(Termina no fim do numero).

AUREA DE AREMAR

Walkyria e Alves Moreira em "ROSAS DE NOSSA SENHORA" da Astro Film de S. Paulo. Ao lado José Medina explicando uma scena de "FRAGMENTOS DA VIDA" a Carlos Ferreira e Aurea de Aremar

Curvas Perigosas

(DANGEROUS CURVES) — *FILM DA PARAMOUNT*

(Discripção especial para "Cinearte" de L. L. CARLOS)

PATRICIA DELANEY .. ..*CLARA BOW*
LARRY LEE .. ..*RICHARD ARLEN*
ZARA FLYNN .. ..*KAY FRANCIS*
TONY BARRETTI .. ..*DAVID NEWELL*
COL. P. P. BROCK .. ..*ANDERS RANDOLPH*
Mme. SPINELLI .. ..*MAY BOLEY*
JENNIE SILVER .. ..*JOYCE COMPSON*
A "ARANHA" .. ..*CHAS. D. BROWN*
O PRIMEIRO "ROTARIAN" .. ..*STUART ERWIN*
O SEGUNDO "ROTARIAN" .. ..*JACK LUDEN*

Não havia duvida alguma que o melhor numero daquelle conhecido circo, cujas representações eram geralmente coroadas de um exito magnifico, era o do joven Larry Lee, equilibrista de fama, que se fazia acompanhar nos seus perigosos exercicios por um casal para o qual a opinião publica não era tão benevolente. Ninguem reconhecia merito naquellas duas figuras Zara e Barretti, pelas quaes Larry fazia questão de ser coadjuvado. Barretti, um typo banal, sem nenhuma particularidade ou habilidade, um homem como ha milhares nas ruas de New York... Zara não passava de uma mulher bonita. O senhor Brock, empresario do circo, já havia dito a Larry:

— Bem podias passar sem estas nullidades que te acompanham em teus numeros. O povo gosta é de ti. Delles ninguem faz caso.

Mas... "o coração tem razões que a razão não conhece"... E' que o joven e attrahente Larry se sentia preso aos encantos duvidosos da mysteriosa Zara, que fóra de scena, representava muito melhor...

Tanto assim, que, sua maior ambição era a de desposar Barretti que ella amava estupidamente, embora isto não a impedisse de seduzir, por passatempo, o sympathico Larry. Mas havia alguem a cuja perspicacia essas pequeninas e graves complicações sentimentaes não passavam despercebidas. Era a joven Patricia Delaney, filha de um antigo equilibrista de fama, que andava se sentindo um tanto "desequilibrada" desde que conhecêra Larry. Era sua fervorosa admiradora e não ignorava a sua complicada situação sentimental. Mas Larry, cujo coração estava repleto dos encantos frios da antypathica Zara, nada mais podia offerecer á encantadora pequena do que uma camaradagem um tanto distrahida e pouco satisfactoria. As coisas iam, porém, seguindo o seu curso natural e Zara viu, emfim, chegada a occasião de realisar o seu sonho: casar-se com Barretti e abandonar o circo. O choque recebido pelo joven equilibrista é tão violento, que na mesma noite, ao executar seu numero habitual, sem o auxilio da adoravel ingrata e de seu marido, Larry espanta e apavora o publico assustado, com uma queda formidavel do alto do trapezio. Agora elle tem que ser recolhido a um hospital, impossibilitado de trabalhar por algum tempo. Patricia, entrementes, continúa a demonstrar as suas habilidades no circo. Mas, com a ausencia do joven Larry, a maior attracção dos seus espectaculos, o successo parecia ter abandonado aquelle valente pessoal. O Sr. Brock, instigado, aliás, pela formosa Patricia, resolve contractal-o novamente, enviando um empregado, com uma bôa offerta, á sua procura. Mas o estado em que o encontra o portador não e nada animador. Larry, profundamente acabrunhado, abandonou por completo seus antigos exercicios physicos, entregando-se, desabusadamente, ao uso do alcool. Nada mais resta ao senhor Brock senão encolher os hombros e procurar outro equilibrista. Mas Patricia apparece, vibrante, nervosa... — Deixe isso por minha conta... Affirmo-lhe que elle virá. Haverá advogado mais eloquente que saiba melhor defender a sua causa e expôr os seus argumentos do que uma mulher intelligente que ama? Em breve Patricia voltava, acompanhada do homem que tanto adorava. A caminho do circo, no trem, elles idealisavam o novo numero, com que pretendiam deslumbrar e enthusiasmar o publico impaciente. Fariam a interessante dupla Lee — Delaney e com os seus numeros humoristicos de agilidade, fariam tornar ao velho e conhecido circo de que faziam parte a antiga aureola do mais franco successo. **Patricia é uma pequena realmente de** *circo*, **cheia de** ***it*** **e deliciosa... Larry chega a pensar que poderão alcançar o mais legitimo exito.** Mas, nem tudo é simples como se pensa; e o enthusiasmo de que ambos compartilhavam para a realisação do novo numero logo aos primeiros ensaios, rola por terra. Larry Lee não é mais o mesmo homem; a sua desastrada quéda e a sua desastrosa vida de ultimamente não lhe permittem mais mostrar a mesma agilidade e a mesma desenvoltura. Está vencido pela vida, pelas circumstancias. A renuncia torna-se-lhe uma necessidade physica e moral. Mas Patricia Delaney tem fé nelle. Seu amor dá-lhe forças para realizar o impossivel. A vontade de uma mulher quando se fortalece pelas contrariedades e obstaculos do caminho da sua realisação, torna-se simples-

mente poderosissima. Larry Lee havia de representar! Ella o fortificaria, o ajudaria, animal-o-ia! —E Larry Lee volta ao trapezio. O que devia, porém, causar tão grande prazer á pobre Patricia veiu para causar-lhe a mais completa desillusão. Larry Lee não queria subir ao trapezio com ella e, desejoso não só do completo exito do seu numero, como tambem de rever a mulher, que, apezar de tudo, amava, vae em busca de Zara, supplicando-lhe que represente ainda com elle. Patricia, os olhos razos d'agua, encolhe os hombros, murmurando comsigo: — Não faz mal! Comprehendo tudo muito bem. Mas espera que te has de arrepender... O Sr. Brock vem consolal-a. Patricia fará um numero sózinha, um numero annunciado com todas as pompas que os cartazes permittem. Será o grande exito da noite!...

— Está bem, exclama a joven, agradecida. Estou contente, muito contente... Mas que lhe importavam os applausos da multidão? Rasgar-lhe-iam, ainda mais, a ferida aberta em seu coração pela ingratidão do seu amado... Mas a mulher tem que ser forte, ou, o que é peor, fazer-se de forte...

A representação daquella noite estava annunciada em todos o cantos e recantos da cidade. Uma multidão ignorante e expansiva enchia as localidades do circo. Havia anciedade, curiosidade, enthusiasmo... Mas, lá dentro, nos bastidores, a afflicção que reina é grande e ha um vae-vem angustioso pelo pessoal atarefado. Zara, a partenaire de Larry, ainda não tinha chegado! A hora do famoso numero se approximava, e, abatido no camarim, afim de esquecer o seu insuccesso amoroso e a ausencia da mulher que tanto o desprezava, Larry sorvia, a grandes tragos, varias dóses de whisky. Patricia, porém, interpellou-o:

— Não te deixes destruir e á tua carreira por essa mulher que não te merece! Ella não vale o menor sacrificio. Pensa em ti, em teu nome, tua gloria... O publico te espera!

Mas Larry está acabrunhado, desanimado. Sabe que Zara não voltará, que ella seguira Barretti que partira aquella noite...

— Nada mais tenho a fazer na arena. Os applausos do publico insultam a minha dor! Deixa-me soffrer sózinho...

— Larry, lembra-te de Brock, tão bom para comtigo! Vamos! Tem energia, levanta-te! O publico pagou e nada tem a ver com a tua dor... Mostra que és forte! Não te acobardes ante o soffrimeto para que elle não tome conta de ti!... Vence-o. Mostra que és homem!...

— Isto é bom de dizer, Patricia... Ignoras o que seja uma verdadeira dor. Soffro muito, muito. Não ha nada peor do que um grande amor incomprehendido e desprezado... Tu podes affrontar esse monstro epileptico que é o publico porque não soffres, não amas e não és desprezada...

A pobre mocinha teve um riso triste, um riso tão triste que lhe foi preciso empregar toda a sua energia para que elle não degenerasse em um soluço...

— E' verdade, Larry, eu sou inteiramente feliz... Não soffro, não amo e não sou desprezada... Mas quero-te um grande bem e não te quero ver diminuido ou vencido. Vamos! Ergue-te! Coragem!

Mas os innervantes vapores do alcool podiam mais do que todos os argumentos femininos. Sobre um divan, a um canto do camarim, Larry se deixára cahir, entorpecido e fraco. A cabeça enterrada na maciez das almofadas, em breve instante, dormia... Patricia era de opinião que as lagrimas foram feitas para serem enxutas. Teve que pôr em pratica esse seu modo de pensar logo em seguida; de fóra, o annunciador avisava que o numero de Larry era o seguinte, que elle estivesse prompto dentro de cinco minutos. Que fazer para salvar a situação e evitar o fracasso? Abnegada e decidida por natureza, Patricia não hesitou, para defender, além de tudo o mais, a carreira e o pão do homem que amava. Em breves instantes a corajosa mocinha envergava a roupa de Larry, caracterisando-se como se fôra elle proprio. Em scena, expondo a sua vida, num heroismo louco, só proprio das grandes amorosas ou dos grandes guerreiros predestinados a occupar um nome na historia, Patricia alcança um successo sem egual. Suas palhaçadas fazem o publico delirar e as proprias inhabilidades parecem feitas de proposito para ainda mais avivar a hilariedade da multidão. O successo é completo, e devido á distancia dos trapezios, ninguem percebe a troca dos personagens e todos gritam ao terminar o sensacional numero:

— Larry Lee! Larry Lee! Larry Lee!... Muito bem! Bravo! Bis!... O annunciador, esse, o unico que sabia do estratagema, corrêra ao camarim: — Larry, essa menina é extraordinaria! Tudo arriscou por ti, inclusive a vida! E's um animal desprezivel...

O espectaculo terminou. A multidão, satisfeita como uma féra que houvesse devorado a sua prêsa e agora lambesse os beiços, acalmada, sahira commentando:

— Este Larry Lee está cada vez mais formidavel!... E como está engraçado fazendo aquellas piruetas e reviravoltas! Foi o grande successo da noite!

No seu camarim, rapida e silenciosa, Patricia prepara a sua maleta para sahir. Mas Larry corre atraz della.

(*Termina no fim do numero*)

De Portugal

Escrevi-lhe da melhor forma que pude e deitei a carta a um marco postal. Esperei resposta.

Uma entrevista com Ida Krüger impunha-se por muitas e variadas razões. Primeiro, foi uma das principais interpretes dum dos films mais sensacionais, senão o mais sensacional, da Cinematographia Portuguesa. Segundo, antevia uma palestra muito agradavel, porque Ida diz muito bem e sabe dizer muito melhor, entendem-me? Depois é muito intelligente, muito insinuante, graciosa, em suma possui qualidades que a tornam uma das mais queridas vedetas portuguezas; depois em "Fatima Milagrosa" o seu primeiro trabalho, ela encontrou um papel que foi o seu maior reclame e que a colocou na primeira fila das nossas "estrellas". Desempenhou-o á maravilha!

IDA KRÜGER NUMA SCENA DE "FATIMA MILAGROSA"

Estava tudo muito bem; eu arranjava a ser-lhe apresentado. era com certeza atentido mas o peior é que Ida estava em Lisboa e eu, na nobre e leal cidade do Porto. Curta distancia! Separava-nos sómente uma viagem... mas não havia tempo.

IDA KRÜGER

OUTRA SCENA DO FILM

Informei-me, e soube que não seria facil a vinda, tão cêdo, de Ida ao Porto. Fiquei desolado. mas não desisti. Os leitores de CINEARTE haviam de conhecer a nossa gentil "star", fosse como fosse.

Esperar que ella viesse ao Porto seria um desatino, poderia vir muito breve ou não, não é "verdade".

Pensei mais algum tempo e por fim resolvi o problema da seguinte forma: escrevi-lhe, formulei-lhe umas perguntas que achei convenientes e razoaveis se bem que não fossem todas as que desejava, e naturalmente esperei resposta.

Com isto nada perderiam os leitores de CINEARTE porque "o que fica escrito, fica escrito e palavras leva-as o vento.

UMA ENTREVISTA COM IDA KRÜGER PELO CORREIO.

E mesmo assim, Ida, devia dar mais largas ao seu pensamento respondendo de forma mais concreta e acertada, do que sendo interrogada, o que difere bastante, porque há sempre um certo acanhamento da parte da pessoa entrevistada em responder a certas perguntas. Concluindo uma entrevista pelo correio.

Não é original mas não deixa de ter uma certa graça, não acham?

Façamos de conta que foi frente a frente e começemos.,

— Conhece CINEARTE? foi a minha primeira pergunta.

— Conheço, sim!...

— Qual a sua opinião ácerca da nossa revista?

Aqui, Ida não nos oculta a grande admiração que nutre por CINEARTE.

— Considero-a uma das mais importantes revistas do mundo cinematografico e que se lê com agrado.

Nunca é desinteressante saber a opinião duma artista acerca da sua arte. A' Ida fiz-lhe a tal "pergunta classica":

— Que pensa acerca do Cinema Portuguez?

— O Cinema em Portugal é uma arte que recomeça um pouco lentamente, é verdade mas com firmeza.

Não sei porque, mas esta afirmação dispoz-me bem. Vê-se que Ida não é pessimista. Ainda bem!...

— Dos films em que tem trabalhado, qual é que mais lhe agradou? Que me diz sobre A CASTELÃ DAS BERLENGAS?

— Ainda não vi o dito film que é o meu ultimo trabalho por isso não o posso apreciar?

— Se estivesse em Hollywood quais os artistas com que mais gostaria de trabalhar?

— Confesso-me embaraçada! Suponho que, a maior parte dos artistas americanos possuem a simpatia e camaradagem suficiente para tornar agradavel o trabalho a seu lado.

Como vêem é simpatica em todos os sentidos. Não está

(Termina no fim do numero).

Jeanette Mac Donald

O THEATRO DEU AO CINEMA, FALADO...

Questão de gosto...

(OLYMPIO GUILHERME ESCREVEU ESPECIALMENTE PARA "CINEARTE")

Não fora um pedido especial do "Cinearte" — e eu jamais escreveria uma linha sobre a questão dos films falados. O assumpto está velho, explorado, exgotado. Até diria escalavrado, porque sobre elle já escreveu toda a casta de escriptores, entendidos e não entendidos, technicos e amadores, alphabetizados e analphabetos. Medicos metteram o bedelho no assumpto. E quando isso acontece — nada mais precisa ser escripto.

Mas, o "Cinearte" paga aquillo que pede. Elle quer um artigo sobre o Cinema falado. Pois bem — ahi vae o artigo.

Não o escreverei para contentar ou desagradar a este ou aquelle. Esta é a minha opinião, meu ponto de vista particular, individual.

Se os leitores concordarem commigo — muito bem. Se não concordarem — ainda muito bem. Eu não tenho o direito de apunhalar o meu amigo Fulgencio porque elle não gosta de pecegada. Questões de gosto não se discutem. Diversificam-se nos individuos a comprehensão do bello e do feio. E é precisamente este equilibrio o factor formidavel que concorre para que a felicidade seja a mais relativa das cousas...

O Cinema falado foi inventado ha quatorze annos, num laboratorio de agua furtada, em Antuerpia. Desde então, entrou num periodo difficil de gestação e sómente agora surge elle na industria de Hollywood — para salvar os interesses das companhias que em Wall Street engatinhavam, examinando as cotações do mercado.

A situação financeira dos Studios era deploravel. Atirando aos mercados do mundo inteiro um producto pessimamente manipulado (as ultimas fitas que precederam ao Cinema falado foram tremendas) os industriaes de Hollywood já não podiam subsistir. Warner Brothers, Universal, Fox, Paramount e First National — tudo estava por um fio de cabello. Questão de semanas. Falava-se secretamente em uniões, em grandes "trusts", em judeus de Wall Street e films coloridos. Subitamente, de um dia para o outro — a Warner explode a bomba: um film falado!

E a innovação pegou. Alastrou-se mais depressa do que a principio era licito prever. Immediatamente uma reforma capital invadiu os Studios. Os apparelhamentos eram disputados a peso de ouro. Broadway invade Hollywood. Dinheiro aos milhões custea a industria. De um momento para outro todos se tornam musicos, scenaristas, professores de v o z, cantores e pianistas. Os velhos successos de Broadway são espanejados, e urgentemente adaptados ao Cinema.

Qualquer serigaita de "Garden" de New York chega aqui com voz de anjo e posa para o "mike". Os appartamentos regorgitam. Os restaurantes transbordam. E' o diluvio da Arte.

E o Cinema falado ficou rei.

Infelizmente, as decisões desta natureza não têm os inconvenientes dos desastres de automovel: não ha tempo de arrepender.

Hollywood não teve tempo para reflectir. Quando, mais tarde, na cama branca do hospital, accordou — já tinha a perna amputada e uma perna de páu era a unica cousa aconselhavel. Portanto, ficou perneta. E' a anecdota napolitana. "Si stá bene in galera? Per forsa..." Não t i n h a remedio. O dinheiro já estava gasto. A reclame já estava distribuida. A funcção precisava continuar até o fim. E continuou. E continuará.

Entretanto, quem considerar a questão do Cinema falado profunda e competentemente — n ã o póde aprovar a subita desapparição do film silencioso, mesmo ignorando que a innovação foi abraçada a titulo precario e nenhum dos motivos por que se batem os "falantes" subsiste á mais singela das apreciações technicas.

O Cinema já era uma questão de mechanica — a não ser quando productores independentes, com talento e com dinheiro, arrostavam a d e n t u ç a da critica e p r o d u - ziam **obras de arte.** A falta de continuidade nas sequencias de um film, o amputamento das acções, o intercalamento das scenas, a mudança dos scenarios, de angulos photogenicos — tudo forçava a acção. A absoluta falta de unidade technica e artistica, a ausencia dessa homogeneidade que preside o trabalho do pintor, do musico ou do poeta — mechanizava a scena cinematographica. A obra era o producto heterogeneo de uma duzia de cerebros. Um escrevia a novella. Outro adaptava a historia. Um terceiro preparava o scenario. Outro dirigia para outra pessôa representar ou interpretar a idéa original e primeira, então já truncada e desviada, sem cunho artistico e sem uniformidade technica.

Era a industria. Era o espirito americano applicado ao Cinema, esse espirito pratico que facilita todas as cousas difficeis e difficulta tudo quanto é facil. A arte era difficil. Pois bem. Facilitemos a arte. Os Studios eram fabricas de films. As emoções eram torneadas como pés de mesa ou como um trilho T. A estrella precisava chorar? Tentemos um Nocturno, de Chopin. Não chora? Vamos vêr se Beethoven realiza o milagre das lagrimas. Não chora ainda? Pois bem: glycerina. Mas este angulo está mal. E' muito baixo. Este é muito alto. Ora, repita a scena, se faz o favor!

Resultado: uma scena pathetica, de puro sentimentalismo, forjada assim, com moldes tão grosseiros e rudimentares — fracassava redondamente. A continuidade da emoção, a sinceridade do gesto, a franqueza e naturalidade da attitude desappareciam. E em seu logar surgia uma figura automatica que se movia sob os berros de um commando idiota e **representava** sem a menor parcella de expontaneidade.

E, mesmo assim, o Cinema americano ia triumphando. A expressão humana já estava ficando alterada. Já os gestos, as attitudes, as maneiras de toda a gente era copiada dos films.

As emoções estavam formando um typo standartizado, **"made in U. S. A."**. E por isso mesmo, quando a Russia produzira "Potemkin". "General Line" ou "Ten Days that shook the World", obras primas de arte cinematographica, na mais lata expressão da palavra, com acção, com conjuncto com fundamento artisticos invulneraveis — os ovos e hortaliças do mundo inteiro subiram de preço, porque a vaia precisava ser das graúdas. Ninguem entendia. Não era film americano.

Hoje, as mesmas mãos que atiraram as verduras á borracheira bolshevista — applaudem enthusiasticamente e fanaticamente a obra de arte. E Hollywood foi o primeiro a render semelhante homenagem.

Ora, se o Cinema silencioso, já com vinte e cinco annos de existencia, raramente era entendido e produzido como obra artistica — que podemos nós dizer do Cinema falado, cuja technica, completamente diversa da outra, nasce dentro de uma caixa de ferramentas?

Todas as falhas que no Cinema silencioso difficilmente eram evitadas -- subsistem agora irreparavelmente.

A sombra fala. Primeira falsidade. A acção, que antes era cortada uma vez — precisa ser retalhada tres ou quatro vezes agora. A expontaneidade que anteriormente era provocada com musica, artificios e engenharia — fica agora no dominio de uma machina, que controla, que equilibra e executa tudo.

A voz humana, ampliada, perde completamente a naturalidade.

Um canario silva como uma locomotiva. Um violino parece um violoncelo, o violoncelo parece um rabecão e um rabecão parece um monstro da edade da pedra.

O som entra por tres differentes processos de **fabricação.**

Em primeiro logar, a palavra emittida pelo artista é **uniformizada** pelo engenheiro que dirige o "recording". Em segundo logar esta mesma palavra é alterada na revelação da celuloide ou nas fôrmas de cêra dos discos. Depois, reproduzida em altos falantes, o volume de voz destróe completamente a naturalidade. Eis porque, a primeira vez que ouvi minha propria voz no Cinema não podia acreditar que aquelles grunhidos eram authenticamente meus!

Na formação da scena falada — o artista perde completamente a personalidade. A scena falada é ensaiada pelo director, ou pelos directores — porque ha tambem um sujeito chamado "director dos dialogos". O artista inconscientemente plagia a acção. E copiando-a — instinctivamente altera a propria voz. O timbre desapparece. E surge na bocca de todos os comparsas, uniforme, domada, sem côr e sem vida — a voz do director. "His glorious night", de John Gilbert, é um exemplo palpavel.

Sou contra o Cinema falado. Em primeiro logar, porque elle não é Cinema. Depois, porque imita o theatro. E eu tenho horror aos imitadores. Falto de acção, de "motion"; sem conjuncto e sem uniformidade esthetica; forçado e mechanico — o Cinema falado póde ser tudo quanto queiram os seus interessados e amantes: diversão, passa-tempo, recreação espiritual, aperfeiçoamento linguistico, musical e literario — mas nunca ARTE.

Cinema é pantomima. Pantomima classica, gestos e acção, que constituiram a base da mais velha de todas as artes. Cinema é symbolismo, suggestão, estudo, comparação ou interpretação. A's vezes é "entertainement" — quando feito por Americanos...

Cinema falado — não é Cinema. E' uma arremedo de theatro. Uma copia de palco. Baseado na palavra falada. E' o theatro falsificado — bem lustroso, enfeitado e bonito, com uma fita côr de rosa na cabello.

E entre uma laranja da Bahia, côr de ouro, de succo dulcissimo e aromatico e um vidrinho de pharmacia contendo o caldo amarello de uma laranja rachitica da California, azedinha e enfesada — eu prefiro sem relutancias a laranja bahiana...

Os americanos estão matando o Cinema. Vamos salval-o. Vamos fazer o nosso...

RAMON NOVARRO TRABALHANDO PARA O MICROPHONE

E "The Rampaut Age", da Trem Carr, trabalham, entre outros, Myrna Kennedy, James Murray, Eddie Borden e Margaret Quimby.

Jack Mulhall e Alice White vão co-estrellar "Show Girl in Hollywood, para a First National e sob a direcção de Mervyn Le Roy.

Alexander Korda, felizmente, deixou a First National em paz...

Cecil B. De Mille, numa sessão do Wampas Club, declarou que o Cinema, **graças ao hokum,** tem progredido sempre.

A M. G. M. tem projectados varios films falados em francez, hespanhol e allemão. O primeiro será em francez e terá Jacques Feyder como director.

Leila Hyams é a heroina de William Haines em "Fresh from College", da M. G. M.

Frank Tuttle é o director que a Paramount incumbiu de dirigir Gary Cooper em "Only the Brave". Mary Brian é a heroina.

Helen Kane

MAIS UMA FIGURINHA DE HOLLYWOOD QUE VEM SURGINDO...

Ella gosta de cantar na chuva...

Os Homens na Vida das

Falar dos homens é uma coisa sempre relativamente facil. Simples, inequivoco, a sua catalogação offerece em regra a mesma precisão e segurança que uma classificação entomologica. O especimen monogano, o eterno Don Juan, o celibatario irreductivel, — Norma Kerry, Lew Cody, Jack Pickford — elles nunca vos enganam. Uma vez classificados, são aquillo mesmo.

Com a mulher a coisa é mais difficil. Varia e indefinivel, não ha como fixar-lhe o genero nem a especie. Não é isso só nem sómente aquillo, mas ora isso ora aquillo, ou isso e aquillo ao mesmo tempo. Tomemos Barbara La Marr, por exemplo, a saudosa Barbara, que era considerada o "pendant" feminino de Valentino; que representava para os homens a figura fascinadora, romantica, a flor rubra da aventura que Rudy era para a mulher. Os homens offereciam uma fortuna por um beijo de La Marr, da mesma maneira que as mulheres pagariam com o dinheiro dos seus maridos um beijo de Valentino. Entretanto Barbara adoptou uma creança e amava-a com a mais vehemente das devoções. Barbara tinha uma casa que era um santuario intimo. Gostava de costurar, de lidar com as coisas caseiras e com flores. E, como Valentino, ella morreu com o coração cheio de maguas. Como classificar-se uma creatura que com uma das mãos balança um berço e com a outra fere um coração?

Greta Garbo e hoje o typo de vampiro mais universalmente conhecido — na téla, já se vê. E' o genero de mulher que toda esposa bem avisada temeria como um flagello; entretanto Greta é uma creatura oestesweaters grosso de rapaz, e que foge de tudo quanto é reunião bulhenta. Ella prefirirá ficar sózinha a lêr um livro, á companhia do mais galanteador dos homens. Stiller, Gilbert foram os dois homens que maior figuração tiveram na sua vida; e quaes eram os sentimentos da estrella sueca a respeito delles?

Tarefa, na verdade, bem arriscada definir as mulheres. Caçadoras de homens, de experiencias, de aventuras. Amam hoje para esquecer amanhã, recomeçando a mesma coisa no dia seguinte.

Constance Talmadge, por exemplo. Corinne é casada, e já o fôra antes duas vezes. Da primeira foi um casamento de amor. Uma fuga em noite de luar, com estrellas fulgentes no céo da mocidade. Da segunda o prestigio social, entrou como elemento de credito cinematographico. Connie é o temperamento das experiencias. Adora a variedade dos sabores, na vida, no amor, nos prazeres. Sorve-os como um homem, mas uma hora depois muda de gosto. Desta vez, a terceira, ella se casou por amor e por dinheiro. Nos intervallos passaram no "écran" da sua volubilidade Dick Barthelmess, Rhinelander Stewart, Buster Collier e outros. Alice White e Clara Bow quasi não passam um dia sem que substituam um amor velho por outro novo. Clara percorreu toda uma gamma, abaixo e acima, de Gilbert Roland a Harry Richman. O amor para ella tem sido apenas objecto de representação. Tem feito com os corações o que os malabaristas fazem com as bolas douradas e ponteadas, e quando o brinquedo não a diverte mais, ella o deixa cahir — e quebrar-se ou saltar, pouco importa. Alice White confessa quatro amores nestes ultimos annos. Entre as mulheres é menos abundante o genero marido-novo-por-velho do que entre os homens.

Clara Bow

Corinne Griffith

Alice White

Lois Moran

Dolores del Rio

Greta Garbo

Quando ellas se descartam em Hollywood de um marido que haviam escolhido nos seus dias de juventude e pobreza, é menos por um novo amor do que por uma nova carreira. Veja-se o exemplo de Dolores Del Rio e Jaime. Póde acontecer que ás vezes o marido não seja sacrificado, mas ficará numa posição subalterna.

Na generalidade as mulheres de Hollywood são mais leaes para com os seus maridos, que estes com relação a ellas. Em casos como os de Florence Vidor, Corinne Griffith, Anna Q. Nilsson e dois ou tres mais, a falta não foi das mulheres. Os seus primeiros maridos foram menos descartados que desertores.

Existe, sem duvida o typo de mulheres de um só homem. Estas são as que nasceram com esse feitio. Está na massa do sangue, como se diz. Colleen Moore, Esther Ralston, Norma Shaerer, Alice Joyce, Mary Pickford, a propria Corinne Griffith, Louise Fazenda, Laura La Plante e Louise Dresser, são todas ellas mulheres tentadoras e celebres; poderiam atirar uma rosa do seu balcão qualquer noite que haveria sempre um cavalheiro para colhel-a.

Algumas dessas mulheres de um só homem, como alguns homens de uma só mulher, têm se casado mais de uma vez, o que não offende a essencia do caso, porque o seu typo basico permanece o mesmo. Mas ha tambem as mulheres de um só homem que absolutamente não o são tal. Expliquemo-nos: mulheres que

Estrellas...

são casadas ha muitos annos com um homem e que casados continuarão provavelmente até que a morte os separe, mas que, no emtanto, a gente sente que na essencia, a chamma que nellas arde é a chamma de Lorelei, chammas demolidoras de thronos, creadoras de imperios.

Mulheres taes como Lilyan Tashman, Estelle Taylor, a joven Lupe Velez; a bella intrigante Betty Compson, Dolores Del Rió, são creaturas que não nasceram para mulheres de um só homem. E' merecem, por isso, talvez muito mais. Não significa isso desparelhamento dos homens com quem ellas se casaram. Ao contrario, significa que Ed Lowe, Jim Cruze e Jack Dempsey são homens superiores, por que conseguiram conquistar — e manter a conquista — essas modernas Cleopatras.

Mas ha entre mulheres, como entre os homens, casos especies; mulheres que não

Janet Gaynor

Mary Bryan

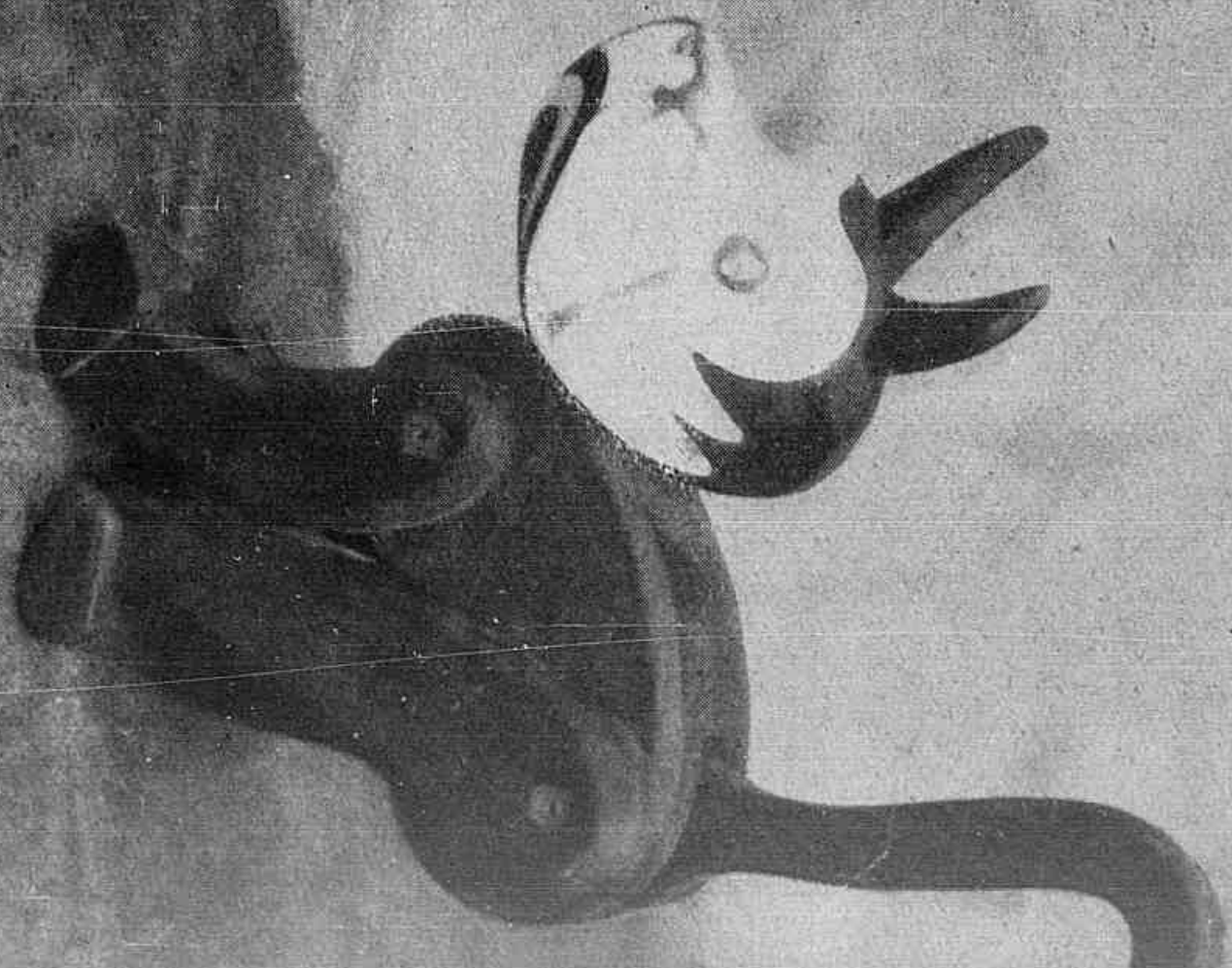
(*Termino no fim do numero*)

LIL DAGOVER E YVAN PETROVITCH
EM
"DER GUNSTLING VON SCHONBRUNN"

KITHNOU

cinearte

LILLIAN HARVEY
cinearte

NITA NEY
cinearte

NORMA SHEARER
M.G.M.
Cinearte

O Policia

("THE COP")

Pete Smith	William Boyd
George Mather	Alan Hale
Marcus, "O Cicatriz"	Robert Armstrong
Rosa	Jacqueline Logan
Tom Coughlin	Tom Kennedy
O "Valete de Paus"	Louis Natheaux
Henry	Dan Wahlheim
O "Duque"	Philip Sleeman

Directção: de DONALD CRISP

FILM DA DE MILLE PICTURES CORPORATION

O emprego de Pete Smith não era trabalhoso, mas era aborrecido. Estava sempre só. Era elle o guarda da ponte levadiça de um rio que atravessava uma grande cidade. Seu unico amigo era o policia Tom Coughlin, um jovial mantenedor da ordem, dos seus quarenta annos, que tinha grande experiencia da vida e conhecimentos apreciaveis de todas as manhas dos gatunos e malfeitores da cidade.

— Olá, senhor Tom Coughlin, como tem passado?... perguntou Pete Smith, assim que o policia entrou. Tem qualquer cousa que se fume?

— Tenho aqui meia duzia de charutos!

— Ah, Tom, você é um felizardo! Todos os dias, você recebe charutos de presente!

— Não lhe dou este, porque é um havano! Tem que ser apreciado "scientificamente"! Mas dos outros cinco, voce pode escolher um.

— Obrigado, Tom, mas você não deixa de ser um ingrato! Ha mais de uma semana que não me apparece por aqui.

— E' verdade! O serviço da ronda está cada vez mais complicado! E agora não me posso demorar mais. Voltarei mais tarde. Adeus!

O policia continuou a fazer a ronda na zona a seu cargo e Pete Smith foi ler um jornal. Momentos depois, sentiu passos, e um homem entrou olhando cautelosamente para todos os lados.

— Entre, senhor Desconhecido, disse-lhe Pete Smith, esta casa é sua! Eu gosto muito de conversar... mas o que vejo! Sangue! Você está ferido!

— Levei um tiro, balbuciou o desconhecido.

— Vou chamar um medico!

— Não chame ninguem!

— Não pense que eu quero saber o que se passou, observou Pete. Eu nada tenho que ver com a sua vida. Vou já buscar agua e pannos para fazer uma ligadura para o seu ferimento. Que é isso que você tem na mão?

— E' o retrato de minha mãe!

Pete Smith tratou do desconhecido durante alguns dias e ambos ficaram sendo bons amigos, mas, tempos depois, ao voltar para casa, notou que sobre a mesa estava uma carta.

Abriu-a e leu o seguinte:

"Tolinho: Vou fazer uma viagem e levo o teu capote e as tuas economias. Tirei 25 dollars da tua gaveta. Adeus, meu patéta."

O bondoso Pete ficou estupefacto. Tratara tão bem do seu hospede, sómente para levar um "couce" e para cumulo do seu caiporismo, foi nesse dia que o policia Tom Coughlin veiu dizer-lhe que fôra transferido para outro bairro.

— E eu estou farto disto tudo, affirmou Pete. Que devo fazer para ser um policia como você?

— Vá á Chefatura, faça um requerimento e arranje algumas recommendações.

Pete Smith seguiu o conselho de Tom, e semanas depois, foi admittido na Repartição Policial pela primeira vez.

George Mather, Chefe do Departamento Criminal, para inicial-o bem no difficil mistér de ficar conhecendo os ladrões e criminosos da cidade, mostrou-lhe os retratos dos mais "celebres", entre os quaes se achava o do desconhecido que estivera em sua casa e que lhe roubara suas economias.

— Que sabe você a respeito deste homem, perguntou elle ao chefe?

— Elle diz que é alfaiate e que se chama Honest Gus, mas no mundo dos rapinantes, é conhecido pelo alcuha de "O Cicatriz". E o ajudante delle é o perigoso gatuno chamado "O Valete de Paus"!

— Obrigado pelas suas valiosas informações, agradeceu Pete, e se algum dia me encontrar com esses malvados, ao menos, já os "conheço de vista".

Um mez depois, em serviço pela primeira vez, Pete passou pela alfaiataria de Honest Gus, que vendia ternos e capotes por preços reduzidos.

Do lado de dentro, "O Cicatriz" reconheceu-o, e encarregou a sua empregada Rosa, cujo nome condizia perfeitamente com a pessoa, por ser ella formosa e fascinante como essa linda flor, de seguir o policia para ver onde elle morava.

Rosa seguiu o policia e voltou com o respectivo endereço. "O Cicatriz" pediu-lhe então para ir entregar a Pete um capote novo.

— Quem me mandou este casacão, perguntou Pete a Rosa, assim que ella entrou em casa delle?

— Foi aquelle rapaz que precisou... do seu!

— Que boa lembrança! Ultimamente, eu tenho sentido muito frio.

— Mas diga-me uma cousa, indagou Rosa. Que serviço prestou você a quem lhe mandou este presente?

— Se elle não lhe disse... eu tambem não digo nada!

— Pois então guarde o seu segredo, mas não torne a falar commigo.

— Não se zangue, minha flor, e entregue este retrato ao seu patrão.

— Quem é esta senhora?

— E' o retrato da mãe delle!

— Se este é o retrato da mão delle, eu sou Astréa, a Deusa da Justiça!

(Termina no fim do numero).

ONDE ELLA VIVE

CINEMA DE AMADÔRES

Moulton havia se conservado calmo durante todo o tempo que estivera no escriptorio, mas quando chegou á rua e o garoto vendedor de jornaes lhe offereceu a edição da tarde, elle afastou o pequeno com um gesto de aborrecimento bastante pronunciado.

— Cambada de idiotas! disse elle. Patéta! Aquelle idiota não era capaz de receber um nickel de troco, sem experimental-o primeiro!

Moulton havia gasto toda uma hora em companhia do gerente geral e do engenheiro da mina. O ultimo desejava uma bomba de sucção "Imperio", e desejava-a talvez mais do que Moulton queria vender-lh'a. Havia estudado os detalhes da bomba, havia lido as cartas que Moulton lhe tinha mostrado, provenientes de outras firmas que tinham usado bombas Imperio, e estava certo de que uma dellas ajudaria o progresso da Mina Ophir, fazendo ganhar mais dinheiro.

Porém, o gerente geral era Graefberg, o qual fazia questão de dirigir o seu negocio á sua feição, e Gaefberg queria vêr uma bomba Imperio em pleno funccionamento. Moulton sabia que Graefberg não tinha nenhuma objecção ou duvida definida. Elle havia respondido satisfactoriamente a todas as objecções do gerente geral, dias antes. Mas Grafberg queria vêr uma bomba em funccionamento. E para isso era preciso ir a Chicago, ás expensas da companhia que fabricava as bombas Imperio.

Ora, Moulton estava absolutamente certo de que essas despezas seriam levadas á conta da sua propria porcentagem na venda.

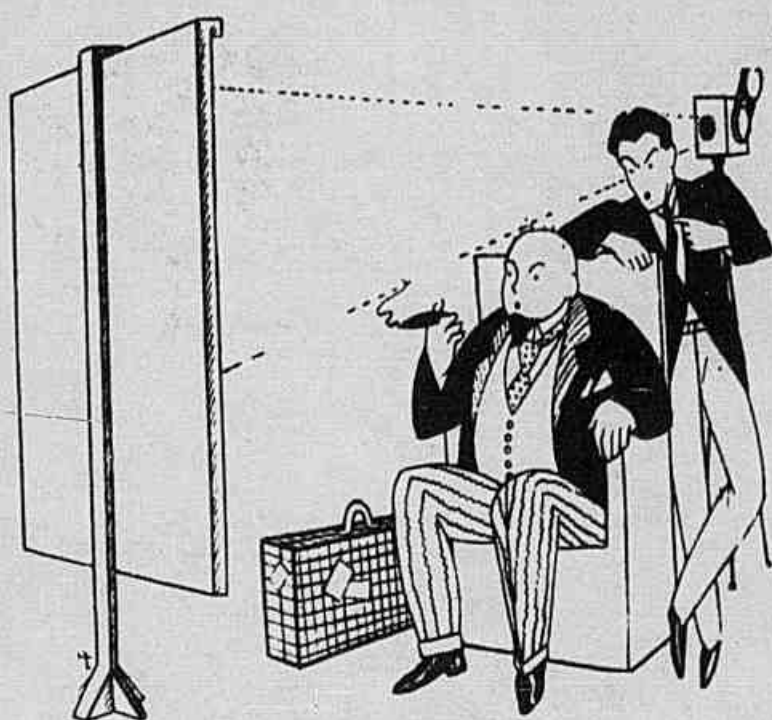
E elle tinha deixado o escriptorio com a promessa "de telegraphar aos directores da Companhia, para vêr o que se podia fazer".

II

Bob Carter, filho do chefe de vendas da Imperio tinha entrado para o escriptorio do pae, seis mezes atraz, depois de ter deixado o collegio. Lá dentro, elle era assim como um ajudante subalterno, um pau para toda obra, e um dos seus deveres era tomar conta do correio do pae, separar o que tinha realmente importancia e devia ser entregue ao chefe de vendas, do que não tinha importancia e devia ir para cesta. E assim, Bob Carter leu o telegramma de Moulton:

"Grafberg não realizará transacção sem vêr Imperio pleno funccionamento. Subordinados satisfeitos. Recommendo convide Grafberg ir até Chicago, expensas minha porcentagem, de de outro modo tudo perdido".

Quando o pae entrou na sala, Bob estava com o telegramma de Moulton defronte delle, sobre a mesa, redigindo um cabogramma nos seguintes termos:

"Deixe-me resolver esta *encrenca*, auxilio meu apparelhamento cinematographico. Si perder, deduza integralmente lucro venda Ophir, do meu proximo ordenado".

GRAEFBERG NÃO DISSE UMA PALAVRA ATÉ QUE O FILM TIVESSE TERMINADO...

Vêr é Vender
Uma Historia que é um Conselho...

(De SERGIO BARRETTO FILHO)

III

Grafberg olhou para Moulton. Este sorriu para Graefberg, mas esse sorriso precisava ser analysado, para se vêr como estava cheio de tudo, menos cordialidade.

— Mr. Graefberg, si o senhor visse com os seus proprios olhos uma, Imperio modelo 3, em pleno funccionamento, f a r i a essa transacção commigo, adquirindo uma?

Foram essas as primeiras palavras d vendedor. Seguiu-se um momento de silencio. Por fim, Graefberg disse, pausadamente:

— Eu sou um homem de palavra. Si eu a vir em funccionamento, farei a transacção. Quando devo ir a Chicago?

Lowrie, o engenheiro da mina, olhava para Moulton com um tom de extrema piedade pela situação, perto de uma capitulação desastrosa, em que se achava o vendedor. Mas a sua expressão mudou para uns toques de espanto, quando ouviu Moulton dizer:

— A mim me parece que desta vez é Chicago que virá ter com o Sr., Mr. Graefberg.

Dirigindo-se para a porta do escriptorio, abriu-a e pediu a um homem que entrasse. O homem entrou, conduzindo uma maleta, que elle abriu. Então, o recem-chegado disse a Graefberg:

— Bom-dia, Mr. Graefberg. Desejo-lhe mostrar algo de novo dentro do ramo da photographia. Preparámos-lhe esta pequena surpreza, não faz uma semana. O Sr. é um dos nossos bons freguezes. Eis aqui uma coisa que o interessará desde logo.

Graefberg franziu as sobrancelhas. Emquanto isso, Moulton e o homem collocavam o projector rapidamente em ordem de marcha. Em poucos minutos estava prompto para funccionar. Quando o film começou, Graefberg olhava para a téla em silencio, sem se mexer. Appareceu, então, uma Imperio 3, em funccionamento, e funccionando em varios logares, successivamente. Era uma Imperio 3, em ultimo plano, em meio plano, em "close-up". Appareciam, á vista de todos, mais utilidades do que Graefberg poderia ter visto pessoalmente em qualquer mina, porque Bot Carter tinha gasto as suas férias apanhando um film que dissesse tudo. Era o film de Bob que estava agora correndo no projector.

Era o film que elle tinha feito, apezar das indirectas do pae sobre essa "loucura de Cinema" dos azes estudantes, universitarios, etc., *os quaes savam acabar com tamanha tolice*.

Graefberg não disse uma palavra até que o film acabou. Então elle procurou uma caneta-tinteiro. Rubricou a propria assignatura na parte de baixo de um cheque que estava sobre a mesa. E, entregando-o a Moulton, disse apenas duas palavras:

— Você venceu!

NORMA TALMADGE

Eu gosto do homem de negocios, o homem que ire ao jogo ou aos negocios com a mesmissima tuosidade com que alguns ambiciosos se ar- para satisfazerem as suas necessidades. A r das occupações é o negocio. E em negocios o homem tem toda a opportunidade para mostrar as mais bellas qualidades.

Eu penso que o maior privilegio da mulher é fundir num só os ideaes de ambos, isto é, devem ajudar um ao outro, luta pelo pão, nos sacrificios, nos prazeres e nos soffrimentos. Devem se amar mutuamente.

Eu admiro immensamente um homem que zele pelos seus interesses, cuja cabeça não fique "virada" por effeitos de lisonja, que estreite cada vez mais os seus laços de amizade, que ajude os seus bons amigos, que se faça respeitado pelos seus competidores, e que mantenha sincera admiração e camaradagem entre os seus empregados, desde o mais inferior ao mais alto do seu cargo.

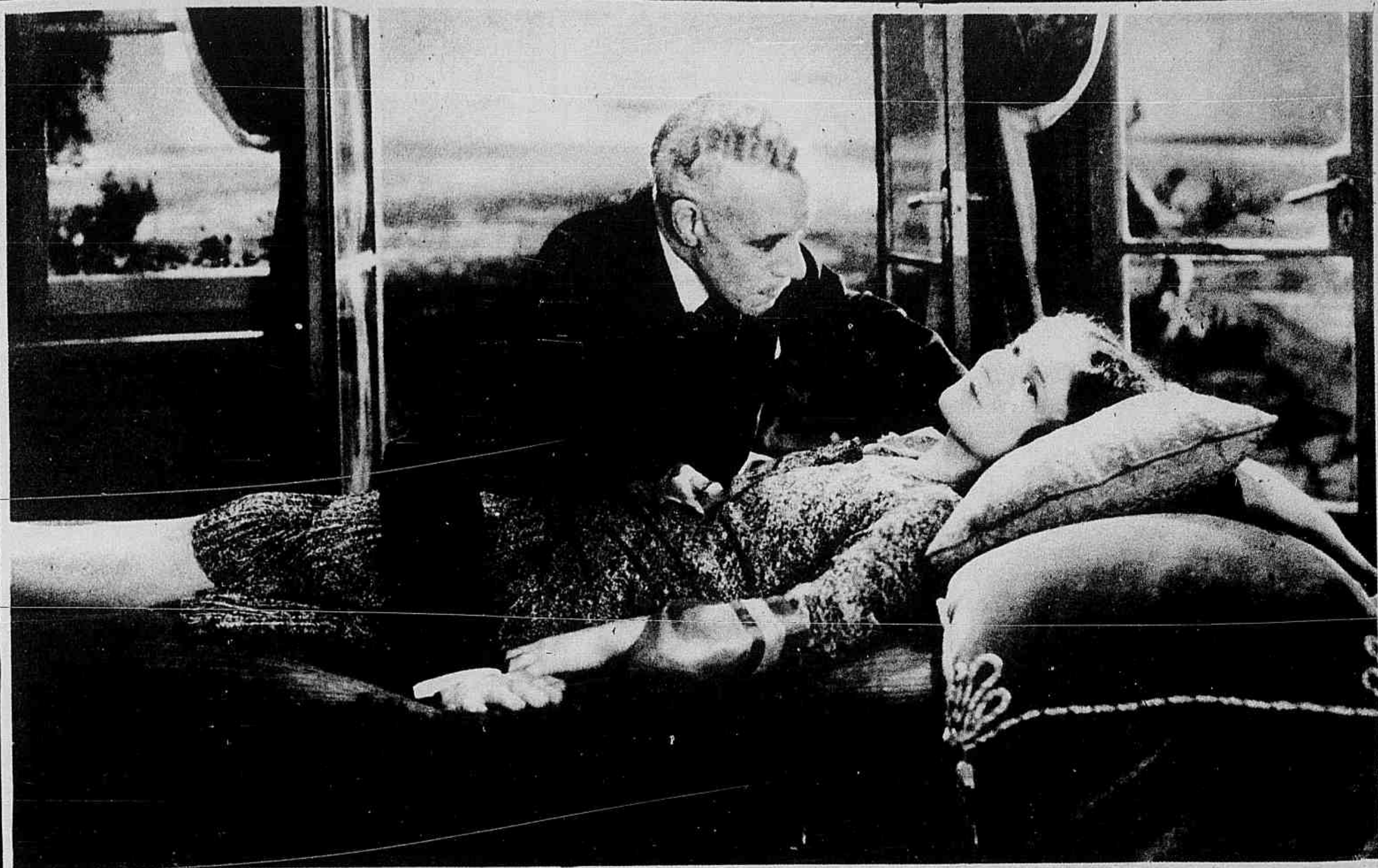
Eu admiro um marido que sempre tenha tempo para receber e dar as mais delicadas attenções, que seja consciencioso e relacionado, que desconheça o egoismo e que sempre esteja prompto a fazer o que tiver ao seu alcance para trazer a paz e o bem-estar aos seus semelhantes.

※

"Liebeswalzer", foi filmada com duas versões: uma allemã e outra ingleza. Lilian Harvey tem o papel de uma princezinha e Georg Alexander faz o papel de um grão-duque austriaco.

※

Paul Muni, um canastão de palco que a Fox piedosamente desenterrou da obscuridade tem sete papeis differentes em "Seven Faces". Que colosso!...

LAURA LA PLANTE (MARIE) E JOHN BOLES (ROUGET)
EM "LA MARSEILLAISE"...

(WONDER OF WOMEN)

FILM DA M. G. M.

Stephan Tromholt, LEWIS STONE; Brigitte, PEGGY WOOD; Karen, LEILA HYAMS· Bruno, HARRY MYERS, etc.

A vida do grande maestro e compositoı Stephan Tromholt se dissipara entre as figuras bohemias dos grandes theatros e centros artisticos onde a a sua personalidade e o seu valor haviam alcançado a mais elevada consagração. Não admira, por isso, que elle se commovesse e encantasse com aquella figura candida, delicada, attenciosissima, que lhe fizera companhia na viagem de trem, quando elle pretendia ir a Gustrau, onde o aguardava uma estrondósa manifestação. Onde pretendia ir, sim, porque lá não desembarcou o grande maestro, tão preso elle ficara ás attenções de sua companheira de viagem.

sua sensibilidade... E elle sabe, então, que ella era uma apaixonada da "Liebeslied", aquella famosa melodia de Stephan Tromholt... E isso que ella não sabia que elle, aquelle homem que ihe dedilhava ali ao piano a envolvente melodia, era o proprio grande maestro. Quando o soube, mostrou-se maravilhada de surpreza. E Stephan Tromholt, duplamente conquistado pelo coração e pela alma daquella mulher, decidiu fazel-a sua esposa.

Casaram-se, pois. Os circulos theatraes de Berlim commentaram a "loucura" do grande Stephan Tromholt. Berlim, entretanto, decidida como estava a não perder o grande maestro, estava certa de que algum dia elle voltaria. Em quanto isso, na pacata cidadesinha, passados os primeiros enthusiasmos do seu temperamento bohemio por aquelle amor, Stephan já considerava que para um homem como elle, acostumado ao bulicio e as consagrações da vida bohemia, viver pacatamente entre uma esposa attenciosa ao extremo e as peraltices de tres enteados, não er agrande felicidade... Algum tempo depois, vendo-o mal humorado, foi Brigitte que insistiu fosse elle dar um passeio a Berlim, para distrahir-se. Elle foi. Quando devia regressar, mandou um telegramma: lamentava passar fóra o Natal, mas a isso era obrigado por alguns negocios retardados.

Prodigio das Mulheres

Esta era Brigitte, caracter perfeito de senhora e de mãe, cuja vida, entre a alegria de seus tres filhinhos, naquella pacata localidade allemã, transcorria feliz e abençoada. Viuva, ella e seus filhinhos, formavam a familia mais estimada e querida de toda aquella região. Levado pela sua delicadeza á sua casa, onde se viu deliciado com a delicadeza e o encanto daquellas tres creanças, Stephan Tromholt se viu n'um momento, apaixonado por aquella creatura extraordinaria. E elle sabe, quando os dois se dirigiam, após o jantar, para a sala de repouso daquella creatura delicadissima, dos primores de

Triste com esse facto, Brigitte, pensando ser penoso para o marido passar sosinho o Natal em Berlim, parte para lá, deixando os tres fi-

(Termina no fim do numero).

estar perfeitamente seguros, não tendo mesmo esse desejo.

Porque o segredo do amor e da vida está para todos nós caminharmos em busca do que nunca se poderá alcançar. Todos nós corremos atraz de um sonho que nunca poderá realizar-se, de uma chineza sem fim. Perseguimos um fantasma que nos fará felizes se fará o nosso coração pulsar de amor emquanto fantasma fôr.

E é justamente esse o elemento que torna o actor de Cinema muito mais cubiçado pelas mulheres do que — permittam-me dizer — na verdade elle o merece. E' isso o que faz o fan. E' esse mysterio, essa consciencia de que, embora o actor ali esteja deante dos seus olhos, elle, é apenas uma sombra. Ao alcance dos sentidos e, no entanto, inatingivel. Deixa-se surprehender, mas apenas por um momento. E' uma sombra atraz da qual se corre, mas que nunca se deixa apanhar.

Não ha um typo padrão pelo qual se possa julgar a mulher nem imittir opinião a seu respeito. A mulher é um thema abstracto, illusorio. O que se disser sobre uma mulher pode não ser verdade com relação a outra. Podeis conhecer um milhão de mulheres, acreditar que as conheceis perfeitamente e, no entanto, não conhecerdes uma só d'ellas.

Nescio é aquelle que se jacta de conhecer a mulher. O que isso affirma e apenas consegue proclamar a sua ignorancia.

Por outro lado, entretanto, eu creio que as mulheres conhecem os homens. Ellas possuem uma aguda intuição a

A MULHER PELOS GRANDES AMANTES DA TELA

A opinião de

SALOMÃO E NILS ASTHER, ACHAM QUE A MULHER E' UM ENIGMA INDECIFRAVEL...

Salomão considerava as mulheres um enigma — e o mesmo acontece commigo. Si nós homens formos sinceros — e talvez afortunados — continuaremos per-

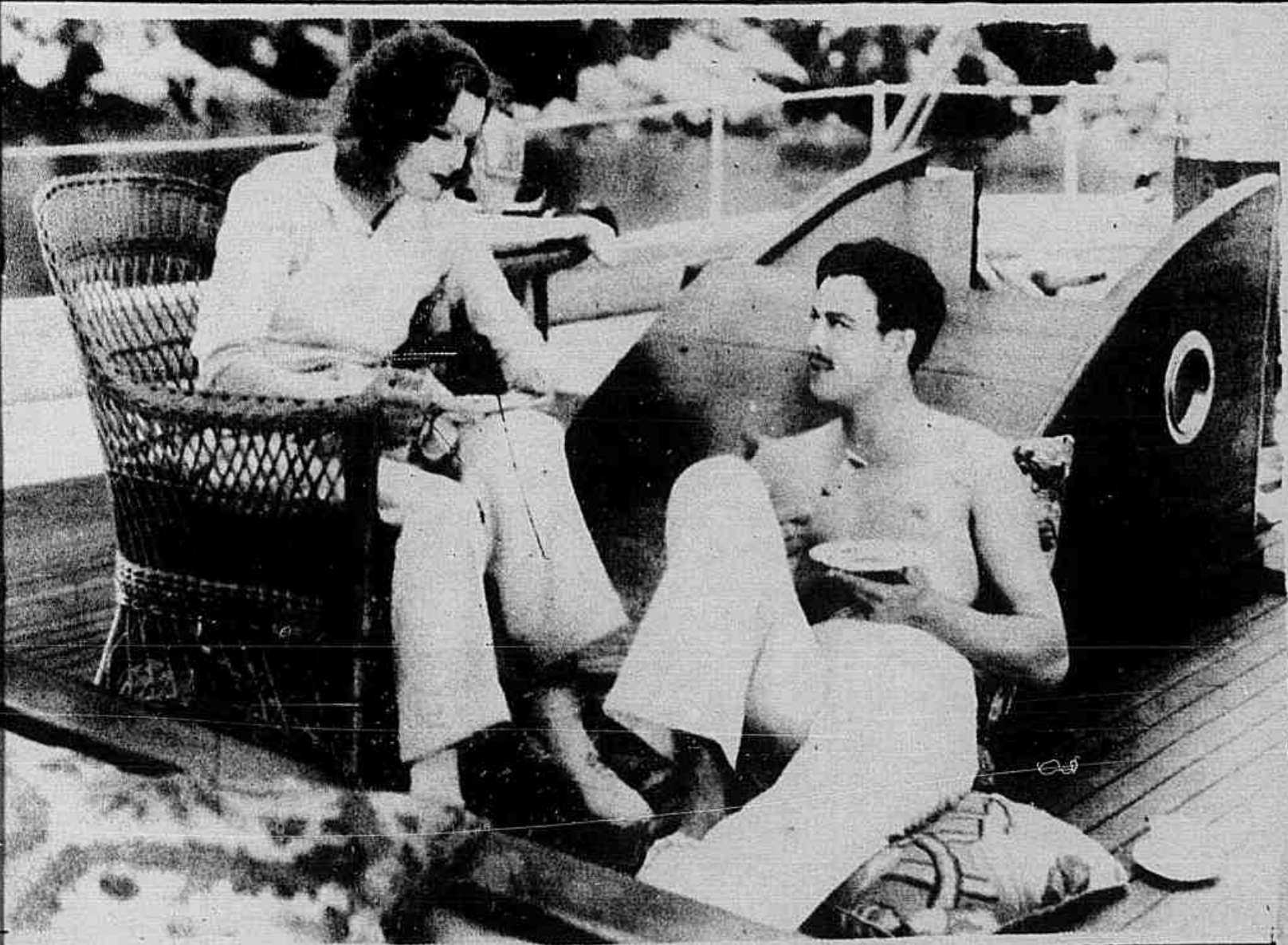
NA SUA RESIDENCIA...

nosso respeito. Não podemos occultar-lhes o nosso verdadeiro eu. A natureza ou Deus, deu ás mulheres olhos para verem os homens. Ellas sabem surprehender as nossas fraquezas, revelar a nossa força, e sabem quando devem brincar ou supplicar.

Quando um homem julga sinceramente comprehender as mulheres, isso é porque alguma mulher excepcionalmente intelligente — servindo a intuitos seus proprios — o levou a acreditar tal coisa. As mulheres, no que concerne aos homens, têm sempre um fim em vista a dirigir os seus actos ou sentimentos. Os homens raramente assim procedem.

A mulher intelligente sabe fingir-se aquillo que o homem desejaria que ella fosse. Será uma sereia hoje e amanhã uma freira; mãe ago-

Nils tanto escolheu que afinal desposou Viviam Ducan...

NILS ASTHER

NILS ASTHER COM GRETA GARBO EM "SINGLE STANDARD"

ra e d'aqui a pouco uma "gamine". O homem é mais inteiriço, mais limitado... "E' elle mesmo". Não possue a infinita variedade do sexo opposto.

A mulher comprehende instinctivamente a sua importancia na vida do homem. Por uma es-

(Termina no fim do numero).

O HOTTENTOTE

(THE HOTTENTOT)

FILM DA WARNER BROS

Samuel Hamgton . . . . *Edward Everett Horton*
Olga Fairfax . . . . *Patsy Ruth Miller*
Larry Crawford . . . . *Edward Earle*
Alex Fairfax . . . . *Stanley Taylor*
A tia de Olga . . . . *Gladys Brockwell.*

Não é sem razão que dizem que o "homem é producto do meio". E por isso mesmo toda aquella gente não tinha outra preoccupação que não fosse o *turf* com as suas intrigas, seus mysterios, suas apostas e seus cavallos... E tão grande era a influencia exercida pelo "meio" que os cavallos se desdobravam até nos desenhos dos assentos das cadeiras, na pintura das almofadas e nos arabescos das bandejas... Mas se todos daquella sociedade viviam obsecados pela mania absorvente, nenhum tinha em tão alto grão o seu enthusiasmo pelo "turf", como a linda e perturbadora Olga Fairfax que levava a sua paixão pelo nobre "sport" ao extremo de só dar valôr aos homens que o admirassem, delle participando. E um dia, por um desses golpes do Destino que se não explicam, o millionario Samuel Hanington, que nunca tinha montado um cavallo, em sua vida, appareceu aos olhos da insinuante Olga como um cavalleiro famoso!... Elle bem que se quiz defender, pondo-se a salvo das difficeis situações que, comprehendeu, ia atravessar, mas o receio de perder as gentis complacencias de Olga fel-o ficar firme, na "pelle" do "habil cavalleiro" que nunca fôra mas que tinha de fingir... que era!...

* * *

Aconteceu a Samuel que logo á sua chegada Olga o assaltara com um appello commovido, pedindo-lhe, as mãos supplices, dirigisse o seu puro sangue, o lindo "Alecrim", na corrida que se ia ferir ao dia seguinte. E antes mesmo de fazer o sacrificio de galgar-lhe o selim viu-se na dura contigencia de galgar o do "Hottentote" o cavallo mais famomoso da terra e tido como perigosissimo e como habil atirador de jockeys... ao chão. Do seu primeiro contacto com o nobre "sport", que lhe custou trambolhões, os sobresaltos e as quédas mais desastradas, Samuel guardou inconfundiveis recordações que se lhe insinuavam a todo instante, impedindo-o até de sentar-se!... Mas, para elle, o que estava em jogo, era o coração da mulher querida. Para alcançal-o todos os tropeços, todas as vicissitudes e perigos seriam insignificantes, desde que realizasse o sonho que o empolgava!

As horas, entretanto, corriam. Seu nome já fôra registrado como o do jockey que ia montar o "Alecrim" no grande pareo. Nada mais lhe restava.. Ficava-lhe apenas o consolo de fazer mais um sacrificio pelo seu grande amor e de correr no "Alecrim" que era mais manso e mais camarada que o terrivel e *intratavel Hottentote...*

* * *

A despeito de toda a disposição que tinha de correr mesmo, no "Alecrim", a idéa de poder deixar de fazel-o não contrariava Samuel... Tanto que elle combinou com o mordomo da casa de Olga um meio de pôr o animal fóra de fórma, dando-lhe um banquete de maçãs verdes e de carne fresca... O plano, tão habilmente executado mas tão habilmente descoberto, só lhe serviu para preparar-lhe uma situação mais cruel e mais amarga que a que se lhe offerecia antes: ter de correr no "Hottentpte"!... E na hora da partida entre os milhares de torcedores que se acotovelavam no prado, na ansia de assistir ao pareo empolgante, lá se destacava o timido Samuel montando o "Hottentate".

A corrida desenrolou-se, afinal, com mil peripecias e difficuldades mil, acabando Samuel por triumphar, isso depois de uma serie infinita de tropeços. Olga que assistira o desdobramento da corrida com a maior emoção foi a primeira a abraçal-o, dando-lhe em troca do coração delle — a maior felicidade que Samuel aspirava: o seu amôr.

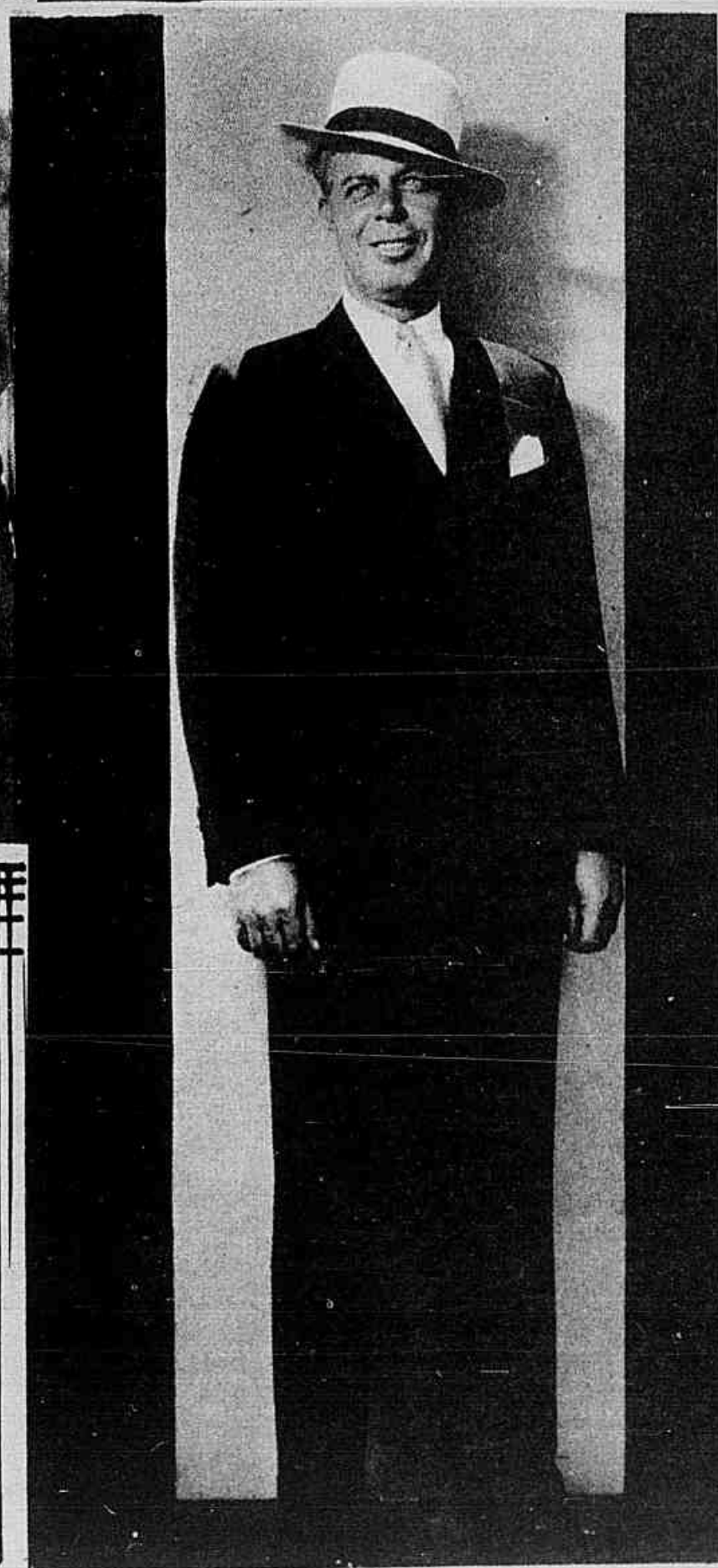
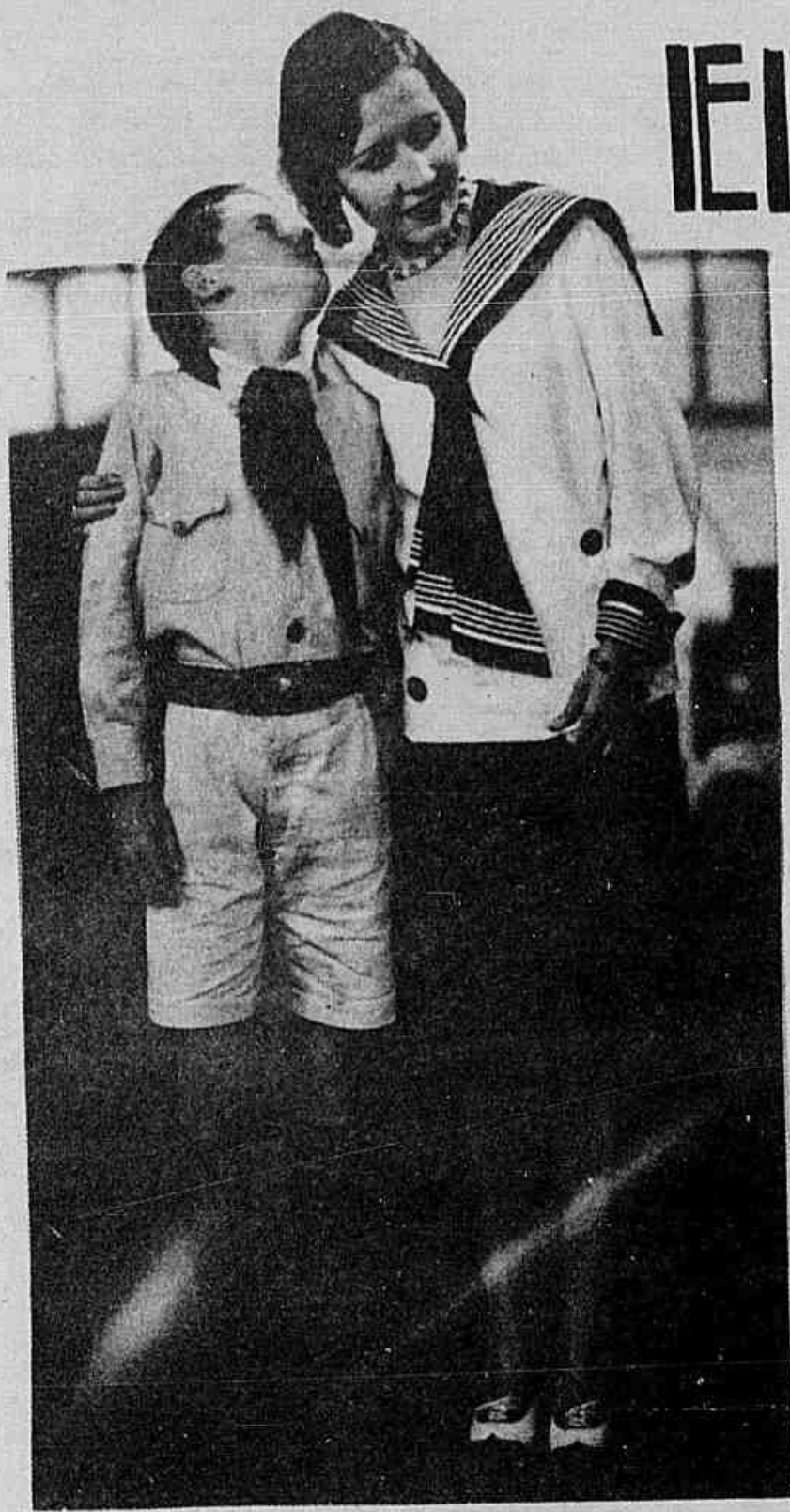
(*Especial para "Cinearte" de* ***BARROS VIDAL***)

William
Austin
QUEM
NÃO O
CONHECE?
FORMIDAVEL
E OUTRAS EX-
PRESSÕES ELO-
GIOSAS...

HOOT GIBSON

EU GOSTAVA DE HOOT GIBSON QUANDO ERA DA TURMA DE HARRY CAREY. GOSTEI MAIS NAQUELLES FILMZINHOS DE DUAS PARTES. MAIS AINDA QUANDO FEZ AQUELLA SERIE DE COMEDIAS SOB A DIRECÇÃO DE SEDGUICK. AGORA HOOT SO' TEM CONSEGUIDO CABELLOS BRANCOS E EU TENHO SAUDADE DO SEU TEMPO COM O HARRY CAREY. PARECE QUE FOI O MELHOR, AFINAL...

ELIE SONE O MENINO DA PEDRADA

(De BARROS VIDAL, especial para "CINEARTE")

ELIE SONE E CARMEN SANTOS

Esse garoto loiro, de olhos muito azues e de mascara expressiva que "Sangue Mineiro", muito brevemente, nos vae mostrar, é um privilegiado temperamento artistico que vem para as claridades da Gloria sob o clarão dos predestinados. Intelligencia de escól e vivacidade impressionante, Elie Sone esconde no seu corpo de creança um homem de attitudes definidas, e de personalidade inconfundivel. Quando, ainda outro dia, o envolvemos na nossa curiosidade de reporter elle, sem se alterar, foi respondendo com a maior calma deste mundo:

— Entrevista... é commigo!... Publicidade, photographia no jornal, adjectivos elogiosos — disso é que gosto!...

E um ar de importancia misturado com a sua linda ingenuidade de creança.

— Por onde quer começar?

O pequeno Eli Sone, o Tuffy, o adoravel Tuffy de "Sangue Mineiro", não se acanha para falar. E foi com desembaraço notavel que elle assim respondeu á nossa primeira pergunta:

— Inclinação. Sempre, sempre tive todos os meus pensamentos voltados para o Cinema. Contam-me — o garôto arregalava muito os olhos lindos — que eu era muito pequenino, aos dois annos, e só queria viver com photographias de artistas debaixo dos olhos...

E rindo.

— Principalmente de artistas do outro sexo..

— Sim...

—... E não havia brincadeira ou companheiro que me seduzisse, que me fizesse deixar aquella miragem...

— Como foi para você realizar o seu sonho?

Elle, afundando os olhos azues no azul muito azul do céo como a procurar a resposta que lhe pediamos:

— Humberto Mauro "sentiu" em mim uma "utilidade"... Achou que a minha figura se coadunava com o typo por elle imaginado para animar o papel de Tuffy. E convidou-me...

A vivacidade dos olhos espertos collaborando com a phrase viva:

— E assim fiz o primeiro "test". Não imagina a inquietude, a impaciencia e o receio com que esperei me chamasse elle, definitivamente, para o film.

Uma pausa e a palavra fluente construindo os periodos faceis:

— Comecei a filmar convencido que era o mais famoso John Gilbert do mundo! A camara em minha frente e eu deitando "pose"!...

E rindo:

— Agora em cima disso tudo os elogios: oh! menino bom! Oh! artista consumado!

E rematando com uma alta dóse de convicção:

— E eu, ao pezo de tantos elogios, acabei me convencendo mesmo de que era um *grande artista!...*

* * *

Elie Sone, o curiossissimo garôto que tem o dom de prender ás correntes da sua sympathia quem quer que se lhe approxime, tem idéas muito claras e muito definidas sobre o Cinema Brasileiro. Acha que elle já é uma força definitiva, triumphante, desde "Barro Humano", a realização que assombrou o Brasil inteiro e que, agora, encanta Buenos Aires toda. "Sangue Mineiro" já é um passo mais á frente, estando certo que a grande arte já tem o seu logar definido.

— Sobre os nossos artistas, que pensa?

E o pequeno Elie Sone, com aquella vivacidade que tão bem o caracteriza:

— Acho-os, sem favor, dignos de elogio, por todos têm a noção exacta das suas responsabilidades, desempenhando, sempre, os seus papeis, com o maximo brilho.

E particularizando a sua opinião:

— De Carmen Santos, posso-lhe dizer, seguro de que não ha em minhas palavras, nenhum exaggero, que ella é bem uma artista de inconfundiveis meritos e de grande valôr, por que, antes de tudo, sabe sentir como se sentisse as proprias emoções, as emoções do seu papel. Ella é uma mulher bonita dentro de uma artista de valôr... E' a combinação mais harmoniosa que meus olhos já viram na cinematographia...

Do mesmo modo lhe affirmo que Nita Ney é uma sensibilidade curiosa, bem como Maury Bueno, Maximo Serrano e Pedro Fantol, o Corcovado do Cinema Brasileiro.

E Elie Sone, a palavra fluente, foi descorrendo, entre as observações mais sensatas, a emotividade de Lelita Rosa, a elegancia de Gina Cavaliere e os encantos perturbadores de Thamar Moema sem esquecer a correcção de Luiz Soróa.

E, com a austeridade de um velho, sentenciou:

— Com gente assim o nosso Cinema tem de ir mesmo para onde vae...

E riscando, aos nossos olhos, uma recta, no espaço

— ...Para a frente!...

* * *

— Qual o momento culminante da sua interpretação em "Sangue Mineiro"?

Elie Sone não tardou a resposta:

—Quando me vingo de Maury Bueno, atirando-lhe uma pedrada...

E contou o que você, leitor querido de "Cinearte", vae vêr... Enraivecido, por ter aquelle vencido o tio, que no film é Maximo Serrano, depois de renhida luta corporal, o pequeno Elie, na pelle do travesso Tuffy, dominando a sua colera aguarda o momento de vingar-se. E este chega, levando-o a jogar-lhe violenta pedrada... E nesse momento que a acção dramatica do seu desempenho culmina, pois vestindo a mascara da revolta que lhe envolve as mais intimas sensibilidades — produz um trabalho notavel...

E elle, expontaneamente, prestando-nos outro esclarecimento:

— Agora, do film o que eu gosto mais é quando eu faço o Maximo Serrano tomar um banho bom...

* * *

— Que foi que, até hoje, mais o surprehendeu em toda sua vida? assaltamos o pequeno artista com esta pergunta imprevista.

Elle fitou-nos, serio, de frente, sem sorrir. Afundou os olhos no chão e ergueu-os, pouco depois, trazendo um sorriso e a resposta nos labios:

— O que mais me surprehendeu até hoje foi um mudo que conheço e que o Sr. tambem conhece, começar a falar...

— Quem é esse mudo?

E elle, serio, como se não estivesse fazendo a maior "blague" deste mundo:

— O Cinema...

* * *

O pequeno Elie Sone acerca do seu futuro tem uma idéa fixa: crescer com o Cinema e fazer-se grande com elle para delle viver!...

E é isso mesmo que, agora, despedindo-se de nós elle friza, convictamente:

— Quando eu fôr grande o senhor vae ver de que "tamanho" está o nosso Cinema...

A empresa que Olga Tschechowa fundou ha tempos em Berlim acaba de fracassar.

Jean Hersholt, Ralph Forbes e Eleanor Boardman sob a direcção de Al Rogell trabalham em "Mamba" da Colorart.

Claire Patee norte-americano construiu o primeiro predio especialmente destinado para Cinema em 1903, na pequenina cidade de Lawrence, em Kansas.

No elenco de "The White Flame" que John Ford dirige para a Fox não figura uma unica mulher. Os principaes são Frank Albertson, Kenneth, Mc Kenna, Walter Mc Grail, Farrell Mc Donald, Ben Heudricks, Warner Richmond, Roy Stewart, Charles Girard e George Le Guere.

NUMA SCENA COM MAXIMO SERRANO

Curvas Perigosas

(F I M)

Já está despertado da sua embriaguez como da sua cegueira. Comprehendia tudo, embora tardiamente... Mas... "nunca é demasiado tarde para se fazer o bem". Sentia agora que a amava e ali estava para prendel-a em seus braços, para pedir-lhe que se casasse com elle, para que trabalhassem juntos, para que fossem felizes... Mas Patricia sorriu tristemente Não, elle não a amava realmente. Não confundisse gratidão com amor. Ella era forte, saberia enfrentar a dôr e vencel-a. Peor do que "um amor incomprehendido e desprezado" é um amor condescendente e piedoso. Agradecia muito, porém... preferia partir só.

Mas Larry, profundamente emocionado e tocado no mais intimo pela dedicação da moça e pela attitude ingrata e humilhante da outra, reconhecida agora que o seu coração necessitava mais de um carinho sincero e seguro do que dos éstos loucos de uma paixão irrealizavel. E o homem é terrivel quando quer convencer! Patricia, aos poucos, ia cedendo... E' difficil resistir á voz imperiosa do amor e da felicidade! Talvez, se Larry tivesse mais razão, não a teria convencido tão depressa...

A mulher pelos grandes amantes da téla

(F I M)

pecie de intuição innata, ella sabe como se collocar no melhor e no mais alto nicho da vida do homem.

O homem nunca poderá levar vantagem contra uma mulher intelligente, se ella não quizer.

Eu creio que mulheres e amor são coisas muito relativas. Podereis fazer de ambos o que desejardes que elles sejam para vós. A importancia da mulher na vida de cada homem varia de valor de um para outro. A mulher é uma especie de espelho em que o homem faz reflectir a sua propria imagem. Para um grande homem o amor póde ser uma grande coisa. Póde ser uma coisa duradoura; póde ser construido com blocos de amizade e de confiança. Poderia atravessar os annos, como uma flor discreta e trescalante.

O grande "lover" não é o que ama muitas mulheres, mas o que ama uma só mulher.

A mulher que mais me interessa de uma fórma definida é a mulher indifferente.

Afinal de contas, todos nós, homens, somos uma herança dos nossos ancestraes da caverna. Todos nós conhecemos ou pretendemos experimentar as emoções da conquista pela luta. No fundo isso não passa de uma das fórmas da vaidade. Desejamos provar que somos capazes de nos apoderar da mulher que desejamos; de destruirmos as barreiras com a força da nossa personalidade. E depois disso, está a emoção de manter a posse da mulher que conquistamos. O receio de perdel-a para um rival — o elemento de perigo e de infidelidade — é o verdadeiro vinho do amor.

Nenhum homem ama á mulher que não lhe custou o esforço da conquista e, em seguida, da manutenção da posse.

Para nós, a mulher que conquistamos é o objecto dos desejos de todos os outros homens. A sua conquista significa uma victoria sobre os demais homens. O coração do homem anseia pela victoria, inconscientemente, talvez, mas nem por isso com menos ardor, menos insaciavel.

A mulher que não torna a caça digna da captura, que não provoca a emoção da victoria muitas vezes repetidas — é, de ordinario a mulher não desejavel.

O physico é, já se vê, a base de toda attracção, mas o homem sente-se lisongeado com a supposição de que a sua conquista é tanto mental quanto physica. Isso torna mais complicado o triumpho; mais difficil e mais delicado.

Para ser realmente fascinante para mim, a mulher não precisa ser bella, nem tão pouco uma flôr em botão.

A belleza é uma droga de mercado. E' tão facil para a mulher fazer-se bella — e tão difficil ser interessante. Todavia, quanto a mim, a mulher que amo é sempre bella.

A reducção physica é o fundamento basico da attracção da mulher para o homem.

Mas a attracção espiritual, deveria ser o factor decisivo. São tantas as mulheres physicamente attrahentes, que semelhante dote póde ser considerado uma coisa vulgar. A corda espiritual, muito poucos a fazem vibrar... e, no emtanto, é a unica que realmente prende e segura.

A mulher espiritual, de expressão mental, promette campos infinitos á nossa curiosidade. Os seus encantos nunca se exgotam. Ella é sempre differente, é sempre uma surpresa, envolta sempre nas dobras do mysterio. Poderá, talvez, ser a tragedia, mas nunca o enfado. Não se apresentará nunca sem o poder do encanto, sem o poder de... ferir.

Pela força subtil da intelligencia a mulher é capaz de tornar-se physicamente attrahente para o homem.

Tenho para mim que ser esposa é uma especie de profissão. Muitas mulheres acreditam que com os votos matrimoniaes perante o altar está terminada a sua obra. Ora, é justamente ahi que ella se inicia.

O casamento não é uma brincadeira, é um negocio — o mais importante negocio na vida tanto do homem quanto da mulher.

A sinceridade é a base do casamento bem succedido. Sinceridade nos propositos, nas relações e no entendimento. Quando a decepção e a insinceridade penetram na vida do casal, o casamento é uma vergonha e acha-se votado á destruição.

Tenho sido interrogado sobre o que penso a respeito do regimen das relações entre marido e mulher. Eu penso que as mulheres devem gozar de toda liberdade, ser tão livres quanto os homens que não podem subjugal-as. Se o homem não for sufficientemente homem, com bastante musculo para prender uma mulher, elle tem deante de si alguma coisa contra a qual não lhe é possivel lutar. Não ha como vencer.

Quando pela primeira vez puz o pé nos Estados Unidos, causou-me espanto a mulher americana. A sua liberdade de idéas, de discurso e de acção intrigavam-me e perturbavam-me. Não sabia se essa impressão era de attracção ou de repulsa.

Hoje... hoje, sei perfeitamente qual a natureza dos meus sentimentos para com ellas: são de genuina admiração. São creaturas de forte individualidade, de personalidade... não me refiro ás doudivanas, já se vê. Livres e independentes, ellas possuem justamente nessa liberdade o elemento de seducção a que já me referi acima, isto é, a attracção da porfia, a emoção da disputa e a emoção maior ainda da captura, da conquista. Quando nos apoderamos de uma mulher americana, o triumpho é definitivo.

Porque aqui, a mulher não precisa de qualquer outra razão para se casar com um homem, senão uma: amal-o como elle a ama.

Não temos a impressão de qué a mulher americana nos acceita por um segundo motivo. Ella está em condições de ganhar a sua propria vida; não se atemoriza de dirigir a sua vida, á maneira de um homem. E' a associação do homem e da mulher em pé de egualdade — a unica situação que na realidade conta.

Emquanto a mulher independente conservar a sua feminilidade, será a mais seductora mulher do mundo. Eu nunca pude gostar, por exemplo, da mulher com ares de rapaz. A pose, o trajar, o typo que dirige automovel com o cigarro ao canto da bocca. Ha qualquer coisa de antinatural, de falso nesse typo. Acabam não sendo nem uma coisa nem outra. Sacrificam a feminilidade á liberdade. Nada mais estupido.

A mulher deve ser, deve fazer o que houver escolhido ser ou fazer, mas a mulher intelligente se conservará mulher, mulher em todas as condições.

Na minha opinião, a mulher é, intellectualmente, egual ao homem — mas differente como qualidade de intelligencia. Muito se tem discutido sobre este assumpto, mas julgo essas discussões uma futilidade. Não se trata de superioridade ou inferioridade de um com relação ao director. Isso, em ultima analyse, não passa de uma questão individual. Mas, tomando o caso em sentido geral, eu acho que a mulher é egual ao homem em intelligencia — o que differe é a qualidade da intelligencia.

Penso tambem que as mulheres possuem a capacidade para os sentimentos de amizade tão puros, sinceros e leaes como o homem. Eu depositaria na mulher a mesma confiança que deposito num homem, e não sou dos que pensam que toda amizade entre homens e mulheres devam soffrer as complicações do sexo.

Não desejo passar por um grande "lover" da tela. Não o sou e não o serei jamais. Não ha homem algum que possa ser um "lover" a todo tempo. Se tal acontecer, é um caso pathologico. No que concerne ás mulheres, eu tenho duas personalidades distinctas: uma é a do homem da tela, a outra é a do verdadeiro Asther.

Não tentem confundir as minhas duas personalidades. Sei que as cartas que recebo das minhas fans — e estas são mulheres de todas as edades — não se dirigem ao verdadeiro Asther. São escriptas ao homem que se move na tela e representa os seus multiplos papeis. As cartas que recebo são sempre dictadas pelos meus personagens do "screen".

Eu costumava me preoccupar com essas cartas, quando era ainda muito moço e bastante tolo para tomal-as como um elogio á minha pessôa, ou resultado de uma impressão da minha individualidade. Hoje, comprehendo que significam um tributo ao meu trabalho e é como tal que as conservo. São um pequeno indicio de que as mulheres, através do mundo inteiro, procuram o symbolo ideal que ellas nunca alcançaram.

As mulheres européas, as americanas, as mulheres do Oriente e do Occidente são todas eguaes no coração. As maneiras externas, os costumes constituem a unica differença. Mesmo isso está se uniformizando, porque a européa vae sendo americanizada.

Ha muita coisa que se modifica, altera e muda, mas eu penso que a mulher, o homem e o amor — como o nascimento e a morte — continuarão inflexivel e irreductivelmente os mesmos, em todas as terras e em todos os tempos.

E quanto a mim, como todos os homens, como Salomão, caminharei, sem duvida, através da vida, até o final, sempre perplexo ante a mulher, sem decifral-a, sem entendel-a.

De Portugal

(F I M)

com rodeios, diz o que sente. Isto é tão raro nas mulheres. Depois, a pergunta hoje obrigatoria entre gente cinéfila:

— E' a favor ou contra o film falado?

— Não posso ser a favor nem contra uma arte que desconheço. No emtanto, acho que o Cinema, que já encerra em si tantas outras artes, bem póde acceitar mais uma outra: a da palavra. Não sei, porém, se elle constitue o progresso ou o retrocesso do verdadeiro Cinema.

E continuando:

— O Cinema sciencia póde orgulhar-se desse notavel aperfeiçoamento de innumeras vantagens, mas o Cinema Arte soffre, sem duvida, um grande contratempo na realização do sonho dos verdadeiros artistas em alcançar a perfeição duma arte em que só as imagens falassem.

Nesta tirada nós avaliámos, sem difficuldade, o subido gráo de intelligencia dessa artista. Mostra que não se interessa só pela arte, monetariamente. Ha mais alguma coisa — ha o amor á Arte!...

— Os seus artistas favoritos?

— Charlot, Jannings, Pola Negri, Norma, Lillian Gish, Moujouskine, George O'Brien, Lia de Putty e Greta Garbo!

A' ultima pergunta obtive uma resposta acertada, rapida e muito elucidativa.

— Como entrou para o Cinema?

— Depois de varios annos de impaciencia, entrei para a Escola de Rino Lupo, que tinha em preparação um film, onde debutei, sendo escolhida para a protagonista!

Os Homens na Vida das Estrellas

(F I M)

são nem Lotharios femininos nem mulheres de um só homem. Gloria Swanson, por exemplo, não póde ser classificada como uma Don Juan de saias, porque, na verdade, não se trata de uma aventureira, uma caçadora de emoções pelo mero prazer da emoção. Ha no caso muita intellectualidade, muito do instincto maternal. Como ella, Gloria deve ser um sonho nunca realizado, uma aspiração nunca attingida. Diz-se que o seu primeiro marido, Wallace Beery, foi o verdadeiro amor da vida de Gloria, mas isso é de duvidar. E' de duvidar que jamais tenha Gloria encontrado o seu unico amor, o verdadeiro amor. Ante as profundezas impenetraveis daquelles olhos fulgentes e indefiniveis, daquelle ar que nos dá a impressão de uma fadiga inextinguivel não é de acreditar que ella tenha jamais realizado o seu sonho de amor.

O mesmo póde se dizer de Greta, embora sejá ella mais moça e mais sujeita aos sonhos, portanto. O que se passa naquelle coração, nem ella propria, talvez, o saiba.

E a Barbara de grande coração, Barbara que tanto amou e tão imponderadamente? Essa, tambem, sem duvida, sonhou o sonho impossivel e viu que elle não passava de poeira, quando chegou ao marco final. De todos os homens que foram seus amigos e apaixonados não houve um só que lograsse a posse daquelle brilhante e ardente espirito. Havia nella muito ardor humano para se acredital-a uma simples voluntariosa. Barbara era arraigadamente mulher e, por isso, sentia a necessidade de um homem como Hollywood não estava em condições de offerecer-lhe.

Estas tres mulheres podem ser chamadas as mulheres-mysterio de Hollywood. Muita gente as tem conhecido de perto, mas conhecel-as de facto, ninguem.

Da mesma fórma que sempre houve e ha em Hollywood os homens eternos celibatarios, existem tambem as eternas solteiras de Hollywood. Bessie Love é uma das taes. Ao que parece, Bessie nunca amou, nunca se ouviu o seu nome emparelhado com o de um homem; o seu coração parece inteiramente livre e o seu pensamento concentrado exclusivamente no seu trabalho.

Ha tambem Lois Wilson.. mas desta diz-se que é uma idealista, acariciando a idéa de um grande amor.

Mary Duncan passa envolta na sua grande solidão. Não é casada, não é noiva. Se ella tem o seu cavalleiro andante, occulta-o, sem duvida, para que ninguem o descubra. E' uma creatura subtil, estranha e perturbadora... entretanto, solitaria.

(Termina no fim do numero)

PAUL WHITEMAN

É O MAESTRO DE UMA CELEBRE ORCHESTRA DE JAZZ. AGORA É ARTISTA DAS REVISTAS DO CINEMA.

BEM QUE PODIA FAZER UNS FILMSZINHOS EM UMA PARTE, COM BERT ROACH.

O Crime do Studio

(Conclusão do numero passado)

desbancado pelo seductor Richard Hardell, que transtornára a cabeça da pobre mocinha sentimental. Comtudo, o sympathico Tony mantinha ainda umas esperançasinhas, bem lá no fundo do coração. Não fosse elle uma creatura humana... E' velho camarada do antigo porteiro da Eminent Pictures. Põe-se a contar-lhe anecdotas que deliciam o pobre homem. Um automovel pede passagem. E' a barata de Rupert Borka, que deseja penetrar no Studio. A seu lado vae Richard Hardell, mudo, erecto. O porteiro pergunta:

— E' o senhor, Mr. Borka?

— Sim, sou eu.

— E' o senhor, Mr. Hardell?

— Sim, sou eu.

— Como vae duro e recto!... atreve-se a dizer o confiado porteiro.

— Ora essa! sou eu mesmo... Como queria que eu estivesse.

— O automovel passa e o portão se fecha novamente. Ted, o joven chauffeur, por ali está tambem, apezar de embriagado, a rondar o Studio. Mac Donald chega-se a elle: — Que queres, meu filho?

— Pae, é aquelle maldito que anda a seduzir Helen... Tenho ansias de...

— Estás embriagado, Ted. Dá-me o whisky que trazes no bolço e vae-te.

E tirando, com firmeza, o contrabando da algibeira do filho, Mac Donald obrigou-o a ir-se embora. Pouco depois, Ted, conseguia, entretanto, penetrar no Studio.

Durava ainda a conversa de Tony White com o porteiro, quando, de subito, um corpo de homem ali veiu cahir, pesadamente. Soccorrendo-o com presteza os dois homens reconheceram nelle Mac Donald, gravemente ferido.

Immediatamente foi elle enviado para o hospital.

Na manhã seguinte, ao penetrar no Studio, Tony dirigiu-se ao local onde Borka e os seus artistas trabalhavam. Era cêdo. O recinto, onde se tinha interrompido a filmagem da vespera, ainda estava vasio e fechado. Ao abrir a porta que para lá dava accesso, Helen, já prompta para a scena em que figurava, veiu-lhe ao encontro.

— Não entres, Tony. Não ha lá ninguem. Vem conversar commigo. Mas Tony precisava lá ir. Tinha que falar a Borka e Hardell sobre o novo film. Penetrando, só, no recinto da filmagem, o rapaz teve a estupefacção de encontrar, sentado em uma cadeira, o cadaver de Richard Hardell. Accorre gente. Um assassinato! Era evidente que se tratava de um crime! Voam as noticias para os jornaes. Os detectives são chamados ás pressas. O inquerito principia. São cinco os accusados: Blanche Hardell, que ameaçara de matar o marido, caso elle a enganasse, está muito pallida e nervosa. Helen Mac Donald, a seduzida pelo defunto, que fôra a primeira a encontrar o cadaver e que nada dissêra, garante, que ao entrar no recinto aquella manhã, já lá o encontrára, sentado tragicamente na sua cadeira de sempre. Ted, o "chauffeur" que pretendia vingar a irmã, está inquieto, assustado. Borka, o director, que penetrára no Studio em um automovel com Hardell na noite do assassinato, está calmo, muito calmo. Tem a certeza de que não poderá ser accusado, e isto elle o diz arrogantemente, empunhando um monoculo insolente. O quinto implicado no caso é Tony White, accusado por estar no recinto com o cadaver quando para lá affluiu todo o pessoal do Studio. Qual dessas cinco pessoas será a culpada e assassina? No jury, lembram que um attestado valiosissimo seria o da guarda Mac Donald, que, naquella mesma noite do crime, fôra apunhalado tambem, encontrando-se agora em perigoso estado de saude. Havia, porém, obtido melhoras. Era preciso ir buscal-o, e quanto antes. Eil-o que chega, arquejante e amparado. Sentam-n'o em uma poltrona. Ergue-se a custo. A ansiedade de todos é immensa. Os cinco accusados ali estão, reunidos, á espera do esclarecimento da verdade.

— Vou dizer tudo o que sei, exclama Mac Donald, enfraquecido e desfigurado. Ted é innocente... Mas o esforço era demasiado. O pobre enfermo cahiu sobre a poltrona, exhausto e aniquilado. Borka appressou-se a passar-lhe um copo com agua, que Helen lhe deu a beber. Nessa agua devia haver um perigoso veneno, pois que mal a bebeu, o pobre homem cahiu morto. Helen, desolada, chora sobre o corpo do pae.

A unica possibilidade de sua salvação se extinguia ali. O jury parecia inclinado a julgal-a culpada. Perdêra o homem que amava, perdidia agora um pae extremosissimo e seria julgada e condemnada por um crime que não commettera... No meio de tudo isto, a impassibilidade de Borka é irritante.

E' o dia do julgamento. A sala do jury está apinhada. Os jurados, graves e pausados, ouvem o juiz declarar o resultado: a criminosa é a ré Helen Mac Donald. Todas as provas se accumulam contra ella. A pobre mocinha sente-se desmaiar. Reina visivel indignação na assistencia. O povo sympathisa com aquelle ar leal e aquelle olhar desolado com que ella olha para tudo. O pessoal se recusa a julgal-a culpada. Mas está tudo acabado. A "justiça" pronunciou-se... E, em nome della, uma pobre creaturinha de olhos grandes e innocentes será sacrificada...

Tony White visita-a na prisão. Ama-a, crê nella e ha de libertal-a. Sete dias faltam para a sua execução. Antes disso, conta elle haver descoberto o verdadeiro assassino de Hardell. A pobre moça tem os olhos cheios de esperança. Do seu coração sóbe para elle uma grande onda de sympathia, gratidão e carinho. Elle anima-a, reconforta-a, ajuda-a a esperar...

Falta apenas um dia para a execução de Helen Mac Donald. Tony está desesperado, desanimado. Chove a cantaros. No Studio, o vae-vem das novas filmagens é exhaustivo, complexo, atordoante. Tony passa, indifferente.

Aqui, dansam as coristas, intencionalmente perturbadoras e perturbadoramente intencionaes... Ali, um comico treina as suas cambalhotas. Sabe Deus quanta amargura não contém aquellas risadas, pensa Tony. Adeante, um ventriloquo, exhibe os seus bonecos. Tony sorri. E' realmente engraçado aquelle boneco a falar. Os ventriloquos são creaturas devéras interessantes, pensa Tony. Quantas situações burlescas podem elles provocar na vida! Tony estáca. Empallidece. Uma grande idéa accendeu-se em seu cerebro. Corre ao seu gabinete, ali mesmo no Studio. Abre o almanach das pessoas pertencentes á Eminent Pictures, com seus officios, biographias, endereços, qualidades aproveitaveis, etc. Lá está: Rupert Borka, nascido a tanto, em tal logar; director de scena, qualidades de ventriloquo, etc. Nada mais que ver! Está descoberta a chave, que abrirá a luz naquelle caso obscuro! Pelo telephone communica ao detective a sua grande descoberta; Rupert Borka, ao penetrar em sua barata, no Studio, na celebre noite do crime, trazia Hardell a seu lado, cuja immobilidade despertára a curiosidade do porteiro. Elle, Tony, se achava lá por acaso e ouvira o tom extranho com que Hardell respondêra: Ora essa, sou eu mesmo! Como queria que estivesse?... Agora tudo se ligava no seu espirito! Borka trazia a seu lado o cadaver de Hardell que elle proprio assassinára, por motivo de ciumes posthumos, e por quem, na sua qualidade de ventriloquo, acabára de falar!... Mas, pela janella aberta, o vento, accossado pela tempestade, levanta os papeis que se acham sobre a mesa, atirando-os ao chão em louca sarabanda. Não via Tony a figura repellente de Rupert Borka, que se approximava da janella aberta, do lado de fóra, sorrateiro, a ouvir tudo e armado de um canivete com o qual ia cortar o fio do telephone. O detective, do outro lado, diz ao companheiro: — Este Tony White está maluco! Desligou!

Entretanto, Tony batia no gancho, desesperado; o que seria aquillo? Allô, telephonista! Mas eis que a porta se abre de repente. Borka lhe apparece á frente, revolver em punho.

— Sente-se já ahi, diz-lhe elle, e escreva uma declaração de que é você o assassino de Hardell, senão mato-o já e a sua linda menina será executada amanhã.

Tony pegou da penna. Tendo acabado o rapaz de escrever, com o proprio revolver Borka vibrou-lhe uma pancada á cabeça, ficando Tony tombado sobre a escrevaninha como desaccordado. Desejosos de saber o resultado da descoberta do rapaz, os detectives, afflictos, enviaram um homem de confiança ao gabinete de Tony.

— Vá ver se houve alguma complicação no telephone. O portador, ao penetrar no "bureau" de Tony, encontrou este debruçado sobre a mesa de trabalho e Borka em attitude de consolal-o.

— Pobre Tony, disse elle ao recem-vindo. Tem chorado muito com a proxima execução da sua querida. Estou vendo se consigo consolal-o. Diga ao seu patrão que não ha nada de novo.

O homem, agradecendo, sahiu. Foi então, ahi, que Tony, cujo desmaio era falso e que esperava uma occasião propicia para se atirar sobre o seu perigoso adversario, subitamente lançou-se a elle. Tomado de viva surpresa, Borka defendia-se valentemente. A luta era selvagem, delirante.

Mas, em baixo os detectives, cuja curiosidade, de tão grande, os obrigara a ali se dirigirem sem esperar a volta do portador, ouviram as detonações de varios tiros. Subindo appressadamente e arrombando a porta que Borka tivéra o cuidado de fechar a chave, chegaram elles a tempo de interromper a luta dos dois homens, salvando o intelligente e denodado Tony e prendendo o abominavel ventriloquo.

A raiva que Borka demonstrava, agora, alliada á impassibilidade que provára, durante os terriveis dias do crime e do julgamento, era mais uma prova contra elle. Tony, esse, exultava. E, deixando o seu terrivel inimigo entregue ás competentes mãos das autoridades, o intelligente rapaz correu á prisão.

— Estás salva, salva, minha Helen!... e relatou-lhe tudo, detalhe por detalhe. A pobre moça nem podia acreditar em uma realidade tão parecida com o sonho.

— Prompto, minha querida, agora deixarás esta prisão detestavel e virás commigo. Se permittires, far-te-hei minha esposa...

Helen sorriu para elle um sorriso humido de alegria.

— Saio de uma prisão horrivel, para uma outra, deliciosa... Aqui tens as minhas mãos. Prende-as com as algemas fortes do teu amor. O meu crime é o melhor do mundo: amar-te demasiado! Julga-me, meu adorado juiz, e condemna-me! Condemna-me ao que mereço: para a grande culpa de amar-te tanto, a prisão perpetua do teu amor!...

O Novo Film de Carlitos

(Conclusão do numero passado)

theatro; o que não quero é abandonar, desprezar a eloquencia e a belleza da mimica por um titulo falado. O titulo (legenda) escripto é ainda um meio legitimo. E' optico, visual, como a fita, mas tem o seu effeito mental proprio. Usal-o-ei sempre que for necessario.

"Mas é a unica que pela primeira vez agora eu posso controlar de maneira absoluta, que constituirá a grande novidade de "City Lights".

Depois fomos jogar tennis no novo "court" de Charlie. Só muito recentemente poz-se elle a exercitar-se sob a direcção de um instructor profissional e é um demonio no court. Deu-me que fazer, respondendo a minha surra de 6-4, eu um velho jogador com um set de 6-3.

O seu court foi cavado na fralda da collina e o jogador descortina dali, atravez da crista de morros pouco elevados, o Oceano Pacifico que se estende para o oeste vasto e mysterioso.

Um banho de chuveiro na grande casa solitaria e, em seguida, de volta á minha casa para jantar. Uma tarde de cavaco e reminiscencias. E aqui está a minha entrevista com Charlie Chaplin.

Hedda Hopper foi addicionada ao elenco de "Murder Will Out", da First National que já contava com Jack Mulhall, Noah Beery, Louise Fazenda, Tully Marshall e Alec B. Francis. Clarence Badger é o director.

Lois Wilson, H. B. Warner e Olive Borden brilham em "Wedding Rings" da First National.

Cinearte

Propriedade da Sociedade Anonyma
"O Malho"

DIRECTORES
Mario Behring e Adhemar Gonzaga.

DIRECTOR-GERENTE
Antonio A. de Souza e Silva

ASSIGNATURAS

Brasil: 1 annos, 48$; 6 mezes, 25$ — Estrangeiro: 1 anno, 78$; 6 mezes 40$.

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem acceitas annual ou semestralmente.

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registrada, com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma O MALHO—Travessa do Ouvidor, 21. Endereço Telegraphico: O MALHO — Rio. Telephones: Gerencia: Central 0.518. Escriptorio: Central 1.037. Officinas: Villa 6247.

EM S. PAULO:

Succursal dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti — Rua Senador Feijó n. 27 — 8º andar — Salas 86 e 87 — São Paulo.

Representante em Hollywood:
L. S. MARINHO

O POLICIA

(F I M)

Rosa sahiu, deixando Pete de bocca aberta, e dispunha-se a voltar para a alfaiataria, mas foi abordada pelo Chefe Mather que lhe perguntou:

— Que faz você por estas bandas?

— Inqueritos não se fazem aqui, redirguiu Rosa.

— Por que não deixa você o novo policia em paz?

— Ora não se metta com o que não é da sua conta, replicou Rosa meia amuada.

— Você gosta delle?

Rosa não respondeu. Ao longe, vira o automovel blindado do Banco Nacional, que estava sendo atacado pela quadrilha do "Cicatriz", e á frente de um grupo de policias estava Pete Smith combatendo contra os audaciosos amigos do alheio. E 'Rosa, porém, que pels seus dotes intellectuaes, moraes e physicos, salva Pete Smith de uma completa derrota, dando assim um final inteiramente novo a este grandioso cinedrama, mas, para não humilhal-o demasiadamente, ella diz-lhe:

— Pete, tu és o prototypo da força da prudencia, e da lealdade!

— Rosa, redargue elle, só acredito no que dizes se prometteres casar commigo.

— Prometto!

George O'Brien e Helen Chandler são os dois namorados que se beijam em "The Girl Who Wasnt' Wauted" da Fox.

Infelizmente parece que Eddie Cantor resolveu tentar o Cinema novamente. A gente tem que aguentar firme!

Myrna Loy faz parte do elenco de "Cameo Kirby" da Fox. Os outros são Robert Edeson, Douglas Gilmore e Norma Terris.

CASA GUIOMAR

CALÇADO "DADO" — **Telephone Norte 4424**

Superior pellica envernizada, ou preta, "typo Salomé", Salto baixo:
De ns. 28 a 32 . . . . . 23$000
De ns. 33 a 40 . . . . . 26$000
Em côr mulatinha mais 2$000.

Fortes sapatos. Alpercatas typo collegial, em vaqueta avermelhada.
De ns. 18 a 26 . . . . . 8$000
De ns. 27 a 32 . . . . . 9$000
De ns. 33 a 40 . . . . . 11$000
Em preto mais 1$000.

32$ — Fina pellica envernizada, preta com fivela de metal, salto Luiz XV, cubano médio.

42$ — Em fina camurça preta.

37$000
Finissimos sapatos em superior couro naco Bois de Rose, com linda combinação de pospontos e furos. Luiz XV, cubano alto.

Pellica envernizada preta, com naco, cinza ou beije, salto baixo:
De ns. 28 a 32 . . . . . 25$000
De ns. 33 a 40 . . . . . 28$000
Todo preto menos 2$000.

Superiores alpercatas de pellica envernizada, preta, typo meia pulseira, com florão na gaspea.
De ns. 17 a 26 . . . . . 8$000
De ns. 27 a 32 . . . . . 10$000
De ns. 33 a 40 . . . . . 12$000
Em naco, beige ou cinza, mais 2$000.

Pelo correio, sapatos, mais 2$500; alpercatas, 1$500 em par.

Catalogos gratis, pedidos a JULIO DE SOUZA — Avenida Passos, 120 — RIO

OS HOMENS NA VIDA DAS ESTRELLAS

(F I M)

Temos, depois disso, a joven geração: Janet Gaynor com o seu novo e joven noivo e, no plano de fundo, o romance com Charlie Farrell; Loretta Yonug e Grarst Wilhers, de mãos entrelaçadas e parecendo... vae, como dois jovens namorados parecem em toda parte. June Collyér, interessado pelas flores, pelos bonbons e a visitar principes; Mary Brian e Lois Moran ainda mal firmados nos seus pés.

Mas é ainda muito cedo para prophecias a respeito dellas.

Foi iniciada a filmagem do novo film de Ramon Novarro para a M. G. M., "The House of Troy", sob a idrecção de Roberto Z. Leonard. Dorothy Gordan tem o principal papel feminino. Os outros são Ethelind Terry, Josef Swichard, Claud King, Bruce Coleman, Nanci Brice e David Scott.

卍

Dorothy Dalton vae voltar á téla em "Brid 66" film a ser produzido por seu marido, Arthur Hammerstein para a United Artists.

A Paramount escolheu "Blackbirds" para proximo film de Evelyn Brent. Howard Estabrook está preparando a continuidade e Louis Gasnier será o director, Clive Brook, Paul Lukas, Eugene Pallette e outros completam o elenco.

卍

Clara Bow foi submetida com successo a uma operação de appendicite.

O novo film do grande director Victor Seastrom para a M. G. M. chama-se "Sunkised" e tem a linda Vilma Banky no papel de estrella.

卍

Harry Laugdon é a principal figura de "Skirt Shy" de Hal Reach.

卍

"Green Stokings" de Dorothy Mackaill para o First National passou a chamar-se "The Flirting Widon". O director é William Seiter e o elenco inclue Basil Rathbone, William Austin, Leila Hyams, Claude Gillingwater e Emily Fitzroy.

卍

Em "Officer O' Brien" sob a direcção do jovem director Tay Canett trabalham Clyde Cook e Willam Boyd. O film é da Pathé.

卍

"Courting Wild Cato é o primeiro film falado todo exterior que a Universal produz. Hoot Gibson é o astro.

卍

William S. Hart após uma ausencia de mais de 6 annos vae retornar á téla numa serie de "westerns" inteiramente falado.

Ruth Chatterton coestrellará "Ladies Loves Brutes" com George Bancrof para a Paramount e sob a direcção de Roland V. Lee.

卍

Em "New Orleans Frolic" nova revista da Fox cabem numeros especiaes a cada um dos artistas: Tom Patricola (?), El Brendel, Victor Mc. Laglen, Edmund Lowe William Collier, Ann Penningtores Janet Gaynor, Charles Farrell, Marjorie White, Fifi Dorsay e Dixie Lee.

Srs. Contadores

Convém acompanhar os progressos de sua profissão, para que se não deixem vencer.

"Evolução da Escripta Mercantil"

é um novo livro para os Srs. Contadores e Guarda-livros com idéas modernissimas, na pratica apoiadas por nomes como: Carvalho de Mendonça, Spencer Vampré, Monteiro de Salles, Renato Maia, Prudente de Moraes Filho, Miranda Valverde e tantas outras sumidades juridicas.

A' venda: PIMENTA DE MELLO & C.
Travessa Ouvidor, 34

LIVRARIA ALVES
Ouvidor, 166

CASA PRATT
Ouvidor, 125

Si cada socio enviasse a Radio Sociedade uma proposta de novo consocio, em pouco tempo ella poderia duplicar os serviços que vae prestando aos que vivem no Brasil.

...todos os lares espalhados pelo immenso territorio do Brasil receberão livremente o conforto moral da sciencia e da arte...
RUA DA CARIOCA, 45 — 2º andar

PEPSODENT A PREÇOS REDUZIDOS

Ao alcance de todos, a preços especialmente reduzidos durante um limitado espaço de tempo a Pepsodent que remove a pellicula escura dos dentes e os deixa de uma deslumbrante brancura.

LEITURA PARA TODOS

Um magazine mensal que publica um pouco de tudo e que, portanto, a todos interessa, sendo o preferido dos viajantes.

Odol

Para se ter dentes bonitos basta usar liquido "Odol" com "Odol-pasta"!

Offs. Gphs. d'O Malho